

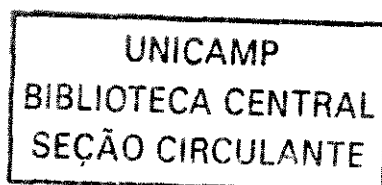
# Pronomes, Ordem e Ergatividade em Mebengokre (Kayapó)

Maria Amélia Reis Silva

Tese de Mestrado submetida ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof. Dr. Charlotte Galves

Campinas, agosto de 2001



Este exemplar e a redação final da tese  
defendida por Maria Amélia  
Reis Silva

é aprovada pela Comissão Julgadora em  
18/09/2003

Ch. Galves

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	UNICOMP
	5138P
V	EX
TOMBO BC/	56307
PROC.	16-124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	5/12/03
Nº CPD	

CM00189449-6

BIBID 306039

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Silva, Maria Amélia Reis
Si38p Pronomes, ordem e ergatividade em Mebengokre (Kayapó)
Maria Amélia Reis Silva - Campinas, SP: [s.n.], 2001.
Orientador: Charlotte Galves
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
1. *Índios Kayapó. 2. Índios - Língua. 3. *Língua Mebengokre (Kayapó) - Gramática. 4. Língua indígena - Brasil. I. Galves, Charlotte. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Ao Andrés  
o mais crítico dos meus leitores.

# Agradecimentos

O primeiro agradecimento, vai para Charlotte Galves por ter aceitado orientar este trabalho; por sua paciência e por me fazer acreditar um pouco mais em mim mesma; obrigada!

O segundo, vai para Filomena Sandalo e Marcia Damaso, membros da banca de defesa, que se dispuseram ler este trabalho em tão pouco tempo, pelos comentários e sugestões durante a defesa. Filomena me fez pensar nos dados do Mebengokre desde uma outra perspectiva e seus comentários foram sempre úteis em diferentes estágios deste trabalho;

À Leopoldina Araújo pelo primeiro momento entre os Mebengokre;

Aos professores do Setor de Lingüística do Museu Nacional onde esta pesquisa teve seu início;

Ao povo Mebengokre que me permitiu “invadir” seu espaço e aprender um pouco da sua língua. Em particular agradeço ao Megaron por seu apoio logístico, ao Nory Kayapó por sua boa vontade em compartilhar comigo seu conhecimento linguístico que deu o suporte empírico para este trabalho;

Ao Wilmar e Juracilda que me receberam em sua casa na minha primeira ida à Campinas e com os quais tenho compartilhado os dilemas e os prazeres de minha experiência de trabalho junto à comunidades indígenas;

À Vanessa Lea pelo convite para participar do projeto de elaboração do dicionário mebengokre;

Aos amigos, pela amizade e carinho que, parafraseando Chico Buarque, compartilharam comigo os momentos bons as horas vãs, e as horas más, durante esse período em Campinas;

À Rose pela parte burocrática;

À minha família, que por pouco ia esquecendo de citá-la aqui, e para quem me faltam palavras para expressar meus agradecimentos, seus esforços foram, sem dúvida, além de suas possibilidades para permitir que eu chegasse até aqui;

À Silvia pela leitura cuidadosa durante a revisão final, obrigada pela força;  
Ao Andrés, que tem sido um interlocutor constante; tenho me beneficiado de suas críticas; pelo auxílio com a parte computacional, antes e após defesa. Pelo carinho e companheirismo desde o início desta jornada.

Aos órgãos financiadores:

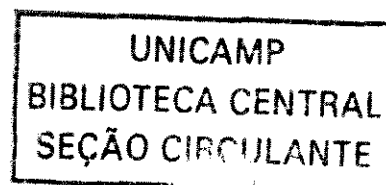
CAPES, pela bolsa de Mestrado

FAPESP que através do Projeto de elaboração de um dicionário meben-gokre, coordenado pela antropóloga Vanessa Lea, favoreceu algumas das minhas viagens a campo.

# Conteúdo

<b>Resumo</b>	<b>ix</b>
<b>Abstract</b>	<b>xi</b>
<b>Lista de abreviaturas</b>	<b>xiii</b>
<b>1 Considerações introdutórias</b>	<b>1</b>
1.1 Objetivo da tese . . . . .	1
1.2 A família Jê . . . . .	1
1.3 Os Mebengokre . . . . .	2
1.3.1 Localização geográfica . . . . .	3
1.3.2 O uso da língua Mebengokre . . . . .	3
1.4 As etapas do trabalho de campo . . . . .	3
1.5 A coleta dos dados . . . . .	5
1.6 Trabalhos lingüísticos anteriores . . . . .	5
1.7 Os Sistemas de Caso . . . . .	7
1.7.1 Ergativo . . . . .	7
1.7.2 Acusativo . . . . .	8
1.7.3 Sistemas cindidos . . . . .	9
1.8 Ergatividade cindida em Línguas Jê . . . . .	9
1.8.1 Krahô . . . . .	10
1.8.2 Parkatêjê . . . . .	11
1.8.3 Kîsédjê . . . . .	11
1.8.4 Xokleng . . . . .	13
1.8.5 Mebengokre . . . . .	15
1.9 Estrutura desta Dissertação . . . . .	17

<b>2</b>	<b>Morfossintaxe Verbal</b>	<b>21</b>
2.1	Categorias Nome e Verbo . . . . .	21
2.2	As formas Verbais . . . . .	24
2.2.1	Os afixos verbais . . . . .	28
2.3	Tempo, modo e aspecto em Mebengokre . . . . .	30
2.3.1	Tempo . . . . .	30
2.3.2	Modo . . . . .	32
2.3.3	Aspecto . . . . .	33
2.4	O verbo “leve” o . . . . .	35
<b>3</b>	<b>Sistema Pronominal</b>	<b>39</b>
3.1	Caso e número no sistema pronominal . . . . .	39
3.2	diferenças entre as formas pronominais . . . . .	41
3.2.1	Pronomes livres . . . . .	41
3.2.2	Pronomes presos . . . . .	43
3.2.3	Pronomes ergativos . . . . .	45
3.3	Distribuição dos prefixos de pessoa . . . . .	46
3.3.1	Prefixos de pessoa: pronome ou concordância? . . . . .	50
3.3.2	Concordância com o objeto . . . . .	52
<b>4</b>	<b>Natureza da Ergatividade Cindida no Mebengokre</b>	<b>59</b>
4.1	Ordem e Ergatividade . . . . .	59
4.1.1	Ordem: S“Aux”OV e SOV“Aux” . . . . .	60
4.1.2	O Sistema Acusativo . . . . .	60
4.1.3	O Sistema Ergativo . . . . .	61
4.2	Contextos das Cisões . . . . .	61
4.2.1	Cisão no eixo aspectual/temporal? . . . . .	61
4.2.2	Cisão no eixo afirmação vs. negação . . . . .	63
4.2.3	Cisão no eixo orações principais vs. subordinadas . . . . .	63
4.3	A Relação entre Ergatividade e Perfectividade . . . . .	67
4.4	Construções ergativas e construções passivas . . . . .	68
4.5	O Mebengokre como uma língua Ativa/Estativa? . . . . .	68
	<b>Comentários Finais</b>	<b>71</b>
	<b>Bibliografia</b>	<b>73</b>



# Resumo

Esta Dissertação descreve e analisa o fenômeno da ergatividade em Mebengokre, língua do ramo setentrional da família Jê falada pela nações Kayapó e Xikrin nos estados do Pará e Mato Grosso.

O objetivo deste trabalho é discutir a natureza da ergatividade cindida do Mebengokre. Minha hipótese sobre a ergatividade do Mebengokre, língua canonicamente SOV, é a de que há uma forte relação entre posição ocupada pelo verbo, suas propriedades verbais e o sistema de caso da língua.

O capítulo 1 constitui uma introdução geral sobre o povo Mebengokre, sua língua, as etapas do trabalho de campo, bem como a apresentação do fenômeno gramatical conhecido como ergatividade, com especial referência à línguas da família Jê .

O capítulo 2 focaliza aspectos da morfossintaxe verbal. Nele discute-se a distinção entre nomes e verbos; categorias verbais, processos de mudança de valência.

O capítulo 3 está dedicado à descrição do sistema pronominal. A principal questão a ser problematizada neste capítulo diz respeito ao estatuto dos prefixos de pessoa enquanto categoria sintática, isto é, se são pronomes ou concordância.

Por fim, o capítulo 4 retoma a discussão sobre a manifestação da ergatividade cindida, apresentando argumentos a favor da hipótese de que a manifestação do sistema nominativo ou ergativo depende da natureza do elemento que ocupa a posição de núcleo do predicado.

**Palavras-chave:** 1. LÍNGUAS INDÍGENAS (AMAZÔNIA, BRASIL); 2. MEBENGOKRE (KAYAPÓ); 3. ERGATIVIDADE, 4. PRONOMES; 5. CONCORDÂNCIA.



# Abstract

This dissertation examines the phenomenon of split ergativity in Mebengokre, language of the northern branch of Jê family spoken by the Xikrin and Kayapo nations in the states of Mato Grosso and Pará in Brazil. Mebengokre is a canonical SOV language that shows consequences in the syntax, specifically in the case marking, when this order is not preserved. I explore the hypothesis that there is a strong link between the position of the verb, its verbal properties, and the case-marking system in this language. According to this hypothesis the split ergativity depends of the nature of the category filling the head position in the predicate. Thus I consider that in the accusative construction the predicate head is filled by the thematic verb while that position in the ergative construction is filled by a functional head.

**Keywords:** 1. INDIGENOUS LANGUAGES (AMAZON, BRAZIL); 2. MEBENGOKRE (KAYAPÓ); 3. ERGATIVITY; 4. PRONOUNS; 5. AGREEMENT.

# Lista de abreviaturas

ABS = absolutivo  
ASP = aspecto  
AC = acusativo  
COMP = complementizador  
COND = condicional  
DAT = dativo  
DU = dual  
ERG = ergativo  
FOC = foco  
FUT = futuro  
IMP = imperativo  
LOC = locativo  
M = marcador de valor epistêmico  
MR = modo realis  
MI = modo irrealis  
NOM = nominativo  
NMAG = nominalizador de agente  
NEG = negação  
NMINST = nominalizador instrumental  
PC = paucal  
PI = palavra interrogativa  
PL = plural  
POSP = posposição  
POSS = possessivo  
PR = prefixo Relacional  
PROP = propósito  
PROSPEC = aspecto prospectivo  
1, 2, 3 = primeira, segunda e terceira pessoa

O = objeto  
S = sujeito  
SUBJ = subjuntivo

# Capítulo 1

## Considerações introdutórias

### 1.1 Objetivo da tese

Esta dissertação descreve e analisa o fenômeno da ergatividade no Mebengokre, língua do ramo setentrional da família Jê (tronco Macro-Jê). Ao longo deste trabalho discutirei as propriedades da língua que desempenham um papel importante para a compreensão da cisão de Caso. Deste modo abordarei a relação entre pronomes e concordância, tendo em vista o caráter ambíguo dos prefixos de pessoa, presentes, senão em todas, pelo menos em grande parte das línguas dessa família. Discutirei também a manifestação das categorias de tempo, aspecto e modo em Mebengokre, e os critérios para estabelecer as categorias NOME e VERBO nesta língua. Pretendo, com isso, dar ao leitor o quadro descritivo necessário para a discussão da ergatividade cindida do Mebengokre, a qual argumentarei não depender de um condicionamento de base semântica. Nesta língua, os dados revelam uma cisão de natureza mais claramente sintática.

### 1.2 A família Jê

A família lingüística Jê, principal família do tronco Macro-Jê, reúne línguas tradicionalmente faladas na área limítrofe entre o cerrado e a floresta amazônica, no Brasil central. As línguas da família ainda faladas na atualidade se agrupam naturalmente em três ramos: Jê setentrional, Jê central e Jê meridional. Entre as principais línguas da família não mais faladas encontram-se o Xakriabá (Jê central), o Jeicó (que constituiria um outro

ramo da família; cf. Rodrigues 1999), e vários dialetos Timbira.

(1)

<i>Jê setentrional</i>	<i>Jê central</i>	<i>Jê meridional</i>
Mebengokre (Kayapó, Xikrin)	Xavante	Kaingang
Apinayé	Xerente	Xokleng
Suyá		
Panará		
Timbira (Ramkokamekra, Apãnjekra, Krahô, Krĩkati, Pykobje, Parkateje)		

Na classificação proposta por Rodrigues (1986), é atribuída ao Mebengokre uma divisão em vários dialetos. Essa divisão, no entanto, refere-se a subgrupos Mebengokre que falam variedades lingüísticas praticamente idênticas. Em todo caso, a única divisão geográfica dos Mebengokre que pode ser relevante de um ponto de vista lingüístico é entre Kayapó e Xikrin. Falaremos sobre esta divisão a seguir.

### 1.3 Os Mebengokre

Os Mebengokre<sup>1</sup> constituem um dos maiores grupos Jê da atualidade, somando mais de 4000 pessoas, das quais aproximadamente um quinto são Xikrin, e o restante Kayapó.

Há certa confusão quanto ao uso dos termos Mebengokre, Xikrin e Kayapó na literatura etnográfica existente. Do ponto de vista dos próprios Mebengokre, é evidente que Xikrin e Kayapó, inimigos tradicionais, são duas nações distintas.<sup>2</sup> Para os etnólogos, no entanto, o fato de Xikrin e Kayapó falarem a mesma língua e compartilharem boa parte de seus traços culturais levou a que o termo Kayapó se tornasse extensivo aos Xikrin em muitos trabalhos.

<sup>1</sup>O termo Mebengokre será usado neste trabalho com letra maiúscula para se referir ao povo e a língua e com letra minúscula quando for usado como adjetivo.

<sup>2</sup>Poderia se argumentar que o conflito intraétnico foi a situação normal na maior parte do século XX entre os Mebengokre, mesmo entre aldeias recém cindidas. Aqui nos referimos, no entanto, à situação atual, em que nas diversas aldeias Kayapó tem emergido um sentido de identidade supra-local que abrange todos os Kayapó, mas ainda exclui os Xikrin.

Como o objeto de análise neste trabalho é a língua, estarei me referindo aos Mebengokre,<sup>3</sup> falantes da língua Mebengokre, enquanto soma das nações Xikrin e Kayapó, sem que isto implique que as considere uma única nação.

### **1.3.1 Localização geográfica**

Os Kayapó estão localizados em uma grande área contígua que se estende do norte do Mato Grosso (AI Kapôt/Jarina) à região sul do Pará (AI Baú Mekranotire, AI Mekranoti, AI Kayapó e AI Badjonkôre), desde os afluentes do Rio Fresco (este por sua vez afluente do Xingu) ao leste, até os afluentes do Rio Curuá, ao oeste. Uns poucos Kayapó vivem no baixo curso do Rio Iriri, na AI Kararaô.

Os Xikrin habitam duas regiões descontínuas no Pará: a AI Cateté, situada em torno ao rio homônimo, afluente do Itacaiúnas, que por sua vez tem sua foz no Araguaia, à altura de Marabá, e a AI Bacajá, também situada em torno de um rio homônimo, afluente do Xingu um pouco abaixo de Altamira (cf. mapa das áreas Mebengokre, na p. 19).

### **1.3.2 O uso da língua Mebengokre**

Apesar dos vários anos de contato com a sociedade nacional, o Mebengokre é a língua de interação nas aldeias. Praticamente todas as crianças e adolescentes até uns 15 anos de idade são absolutamente monolíngües em Mebengokre, apesar de conhecerem algumas palavras do português. Depois dessa idade (em uns poucos casos excepcionais, até antes), alguns estudam nas escolas da cidade, e em geral fazem saídas com mais freqüência, o que propicia um conhecimento instrumental da língua portuguesa. Tendo em vista o grande número de aldeias Mebengokre, é possível que haja situações ligeiramente distintas dessa que esboço aqui, uma vez que não visitei todas as aldeias.

## **1.4 As etapas do trabalho de campo**

Meu trabalho com os Mebengokre começa em 1995, período que era aluna de iniciação científica na Universidade Federal do Pará. Em janeiro desse ano, realizei minha primeira viagem ao campo, fazendo uma breve visita aos

---

<sup>3</sup>Mebengokre é a autodenominação dos indivíduos de ambas as nações.

Kararaô, às margens do rio Iriri. Devido à situação de conflito interno nessa ocasião, as condições eram desfavoráveis à nossa permanência nessa aldeia. Essas disputas internas provocaram uma cisão no grupo que teve como consequência uma drástica redução da população da aldeia Kararaô, pois várias famílias mudaram para outras aldeias, principalmente para o Bacajá. Diante dessas circunstâncias, e seguindo orientação do chefe da FUNAI (Fundação Nacional de Assistência ao Índio), ficamos então na aldeia dos Arara, juntamente com o grupo de professores da SEDUC (Secretaria de Educação) de Belém que faziam o acompanhamento de escolas em áreas indígenas.

No ano seguinte, já como aluna do Curso de Especialização em Línguas Indígenas Brasileiras no Setor de Lingüística do Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro), realizei minha pesquisa lingüística junto aos Xikrin do Cateté, tendo permanecido nessa aldeia cinquenta dias entre os meses de janeiro e fevereiro de 1996.

Em fevereiro de 1997 retornei aos Xikrin, desta vez em uma viagem mais breve, ficando apenas um mês entre eles. Esta foi a última viagem que realizei a esse grupo, pois em seguida passei a desenvolver a pesquisa junto aos Mëkrâknōti (um dos dois principais subgrupos Kayapó). O trabalho com os Mëkrâknōti começa, inicialmente, em função do Curso destinado à Formação de Professores Indígenas Mebengokre,<sup>4</sup> Panará e Tapayuna promovido pela FUNAI e MEC (Ministério de Educação e Cultura), na qualidade de assessora lingüista. Em função do curso de formação de professores, fiz duas viagens de curta duração permanecendo; em cada uma dessas viagens, aproximadamente dez dias na aldeia, Kubekàkre, em outubro de 1997 e julho de 1998.

Através do Projeto de elaboração de um dicionário Mebengokre,<sup>5</sup> foi possível realizar algumas outras viagens a grupos Mëkrâknōti: no período de dezembro de 1997 a fevereiro de 1998 estive nas aldeias Mëtyktire, Kapôt e Baú, permanecendo um total de quarenta e cinco dias. Nos meses de junho a julho de 1998, permaneci aproximadamente seis semanas na aldeia Mëtyktire; em outubro de 1999 prossegui a pesquisa lingüística com a vinda de um assessor lingüístico mebengokre a Campinas por aproximadamente vinte dias.

---

<sup>4</sup>As aldeias mebengokre abrangidas por esse Curso são as da margem esquerda do Rio Xingu: Baú, Metyktire, Kubekàkre, Kapôt, Pykany.

<sup>5</sup>"Projeto de Pesquisa Lingüística Mebengokre", processo FAPESP 97/10135-6, coordenado pela Profa. Dra. Vanessa Lea, e posteriormente pelo Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis, ambos professores da Unicamp.

## 1.5 A coleta dos dados

No início de minha pesquisa, os procedimentos para coleta de dados foram os de praxe nestas situações: recolher o material lingüístico de acordo com alguns questionários, como o Formulário Padrão do Museu Nacional, o qual foi preenchido por mim junto aos Xikrin do Cateté.

A pesquisa lingüística junto aos Mēkrāknōti se deu de uma forma um pouco distinta, já que minha preocupação inicial era aprender falar a língua. Deste modo, meu enfoque privilegiou as estruturas de uso cotidiano que favoreceriam minha comunicação em Mebengokre.

Embora minha pesquisa lingüística tenha começado entre os Xikrin do Cateté, o suporte empírico desta dissertação provém principalmente de minha pesquisa junto aos Kayapó Mēkrāknōti, com os quais mantive um contato mais direto, e principalmente com aqueles da aldeia Mētyktire, onde permaneci mais tempo durante minhas viagens ao campo.

Quando a coleta de dados foi realizada nas aldeias, procurei realizá-la com mais de um assessor, embora nem sempre fosse possível esse procedimento. Na maior parte do tempo trabalhei com apenas um assessor mebengokre de aproximadamente trinta anos, com quem coletei uma extensa lista de sentenças isoladas para testes sintáticos, a fim de verificar minhas hipóteses.

## 1.6 Trabalhos lingüísticos anteriores

Embora os Mebengokre tenham recebido especial atenção por parte de etnólogos, antropólogos e outros estudiosos, os estudos sobre sua língua são, ainda, muito poucos. Sabe-se muito mais sobre a organização social e a estrutura de parentesco desse povo do que sobre sua língua.<sup>6</sup>

O trabalho lingüístico mais antigo é um pequeno “Ensaio de Gramática Kaiapó” (Sala: 1920), de um missionário católico que trabalhou com um grupo já extinto (Irãã mrājre). Esse Ensaio contém uma breve descrição gramatical, além de uma lista vocabular que inclui termos de flora e fauna, partes do corpo; elementos da natureza, utensílios domésticos, etc.

Há também, mais recentemente, as publicações dos missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL), os quais têm trabalhado continuamente entre os Mebengokre desde a década de 1960.<sup>7</sup> As publicações missionárias

---

<sup>6</sup>Isso se aplica de modo geral aos demais povos Jê.

<sup>7</sup>Os missionários do SIL foram precedidos por missionários protestantes de outras or-



sobre o Mebengokre se limitam a uma análise fonêmica (Stout e Thomson, 1974b) e dois artigos sobre a estrutura da oração (Stout e Thomson, 1974a e Stout e Thomson, 1974c). Nesses artigos pouco se diz sobre a morfologia da língua em questão. No que diz respeito à sintaxe, a descrição limita-se à identificação de tipos de orações e elementos modais que traduzem certas categorias pré-estabelecidas.

Existem materiais missionários inéditos com informações sobre a gramática e léxico Mebengokre. Entre esses materiais encontra-se uma “gramática pedagógica”, que não pode ser considerada uma gramática da língua, já que ela não descreve o seu funcionamento, senão que apresenta uma série de situações de conversação voltada à aprendizagem do Mebengokre por falantes de Português. As únicas publicações lingüísticas dos missionários sobre o Mebengokre datam portanto de 1974, mais ainda hoje visitam, com bastante frequência, algumas das aldeias, demonstrando o pouco interesse destes em desenvolver pesquisa lingüística fora a estritamente necessária para sua prática proselitista. Além destes há o trabalho de Wiesemann (1986), sobre sistemas pronominais em línguas Jê e Macro-Jê, onde se encontra uma breve descrição do sistema pronominal mebengokre.

Em meados da década de noventa surgem os primeiros trabalhos de lingüistas não missionários. O primeiro é a dissertação de mestrado de Borges (1995) que apresenta uma descrição das construções genitivas com ênfase aos chamados “Prefixos Relacionais”.<sup>8</sup> Essa autora também aborda, de maneira mais geral, outros aspectos da gramática, como, por exemplo, o sistema pronominal, além de algumas outras considerações sobre a morfossintaxe do Mebengokre.

Em seguida, vêm os trabalhos de Reis Silva (1996a) e Salanova (1996), o primeiro concentrando-se nas características de uma construção progressiva, e o segundo em certos processos fonológicos que ocorrem em fronteira de palavras. Reis Silva e Salanova (2000) resume as primeiras hipóteses desses

---

ganizações, que trabalharam entre os Kayapó Gorotire desde a década de 1930, porém não publicaram nada especificamente sobre a língua Mebengokre.

<sup>8</sup>Esse termo tem sido empregada na literatura sobre línguas indígenas brasileiras para nomear um fenômeno que se caracteriza pelo surgimento de um elemento de transição entre um núcleo e seu complemento, como no exemplo *i+**p**+ikra* (1poss+PR+mão) ‘minha mão’ onde o prefixo relacional, elemento em negrito, surge quando o nome é precedido imediatamente pelo pronome possessivo. Reis Silva e Salanova (2000) interpretam esse elemento não como um prefixo, mas como parte da raiz cuja aférese é interpretada como marca de 3ª pessoa.

autores sobre a estrutura do Mebengokre. Mais recentemente, na área de fonologia, Salanova (2001) aborda a questão da nasalidade em Mebengokre extendendo essa discussão ao Apinayé. Meus trabalhos anteriores sobre esta língua são retomados ao longo desta dissertação.

## 1.7 Os Sistemas de Caso

Nesta seção, são introduzidos alguns conceitos que são recorrentes nesta tese, e que devem preceder a delimitação do problema da marcação de caso em Mebengokre.

Usarei neste trabalho os termos A, S, O para referir respectivamente aos sujeitos do verbo transitivo, do verbo intransitivo e ao objeto do verbo transitivo tal como empregado por Dixon (1994) e amplamente usado na literatura sobre ergatividade.

### 1.7.1 Ergativo

Descritivamente falando, diz-se que uma língua é ergativa quando A recebe uma marcação morfológica disitinta de O e S, os quais são tratados da mesma maneira.

As línguas podem empregar diferentes mecanismos para expressar a diferença na marcação desses argumentos. Observe os exemplos a seguir:

- (2) a. *angute-m qunsgiq ner-aa*  
 homem-ERG rena(ABS) comer-[-trans]-3s/3s  
 'o homem come (a) rena'
- b. *qunsgiq(\*-m) ner'-uq*  
 renaABS(\*ERG) comer-[-trans]-3s  
 'a rena come'

(Yup'ik — Bobaljik, 1993: 47, apud Nash, 1995: 284)

Nota-se nos exemplos (2a) e (2b) acima que na língua Yup'ik a ergatividade se manifesta mediante dois mecanismos: tanto na marcação morfológica sobre os SNs como na concordância verbal. Em (2a) o SN *angute* ('homem'), o sujeito transitivo (=A), recebe a marca morfológica de Caso ergativo (-*m*) e o verbo exibe concordância (-*aa*) que refere ao sujeito transitivo. Em (2b) o

SN *qusngiq* ('rena'), sujeito do verbo intransitivo (=S), é morfologicamente não marcado, do mesmo modo que o objeto do verbo transitivo (=O) em (2a), observe que a concordância presente no verbo intransitivo (-*uq*) difere daquela na sentença transitiva.

Em outra língua, o Dyrbal, a ergatividade é expressa somente por meio das marcas de caso nos sintagmas nominais:

- (3) a. *ɲuma yabu-ɲgu bura-n*  
 pai-ABS mãe-ERG ver-NFUT  
 'A mãe viu o pai'
- b. *yabu(\*-ɲgu) miyanda-n<sup>y</sup>u*  
 mãe-ABS (\*ERG) rir-NFUT  
 'A mãe riu'

(Dyrbal — Dixon, 1994: 161)

Em (3a) e (3b) a marca *ɲgu* só pode aparecer com o sujeito do verbo transitivo (=A); os demais argumentos, absolutivos (= S e O), são morfologicamente não marcados. Assim, no sistema ergativo, quando a marcação se dá sobre o sintagma nominal é o argumento ergativo, isto é o sujeito transitivo, que normalmente é morfologicamente marcado, enquanto que os argumentos absolutivos geralmente não têm marca morfológica explícita.

### 1.7.2 Acusativo

No sistema acusativo, quando há marcação morfológica de Caso, os argumentos A e S são tratados da mesma maneira em oposição ao O, o qual é morfologicamente distinto.

- (4) a. *Waitna ba sula ba-ra sab-an*  
 homem DET (NOM) veado DET-AC bateu-PST: 3  
 'o homem bateu no veado'
- b. *Sula ba plap-an*  
 veado DET(NOM) correr-PST  
 'o veado correu'

(Misumalpa — Ken Hale, notas de curso)

- (5) a. Warmi sara-ta mikhu-n  
mulher milho-AC comer-3NOM  
'a mulher come milho'
- b. Warmi taki-n  
mulher dançar-3NOM  
'a mulher dança'

(Quechua — Ken Hale, notas de curso)

Veja que nos exemplos acima (4) e (5) apenas O é morfologicamente marcado. Os SNs objeto em (4a) *sula-ba* ('o veado') e (5a) *sara* ('milho') recebem respectivamente as marcas *-ra* e *-ta*. Comparem-se os sujeitos nos exemplos (4) e (5), observe-se que eles se comportam morfologicamente da mesma maneira, sejam eles A (4a, 5a) ou S (4b, 5b).

### 1.7.3 Sistemas cindidos

Não é raro encontrar línguas nas quais se observam características tanto do sistema acusativo quanto do sistema ergativo. As línguas que exibem esse comportamento são chamadas de *sistemas cindidos*.<sup>9</sup> Segundo Dixon (1994), a ergatividade parcial de línguas que combinam traços de acusatividade e ergatividade pode estar associada à natureza semântica de um ou mais componentes da sentença – verbos, SNs, aspecto/tempo/modo – ou à distinção entre sentenças subordinadas e principais (cf. Dixon, 1994: 2).

Na próxima seção apresento um breve panorama das línguas da família Jê, nas quais se encontram vários tipos de cisões.

## 1.8 Ergatividade cindida em Línguas Jê

O objetivo desta seção é mostrar como a ergatividade cindida na família Jê não se restringe somente ao Mebengokre, mas se estende às outras línguas da família.

Os trabalhos existentes sobre as línguas Jê revelam que a ergatividade é uma característica comum à essa família lingüística (cf. Santos, 1997; Araújo,

<sup>9</sup>Na literatura sobre ergatividade encontra-se ampla discussão sobre sistemas cindidos, os quais não constituem uma classe homogênea. Um panorama de diferentes tipos de cisões encontrados em diversas línguas pode ser encontrado no trabalho de Dixon (1994).

1989; Urban, 1985; Souza, 1990; Reis Silva e Salanova, 2000; Reis Silva, 2000b; Wieseemann, 1986; Popjes e Popjes, 1986; Dourado, 2001).

Em geral observa-se que essas línguas exibem uma ergatividade parcial que se manifesta através de diversos mecanismos. Também os tipos de cisões encontrados nessas línguas são bastante variados, tornando a família Jê uma importante fonte para a investigação lingüística sobre o fenômeno da ergatividade. Para ilustrar um pouco dessa variedade, apresento a seguir dados do Krahô e Parkatejê (ambos dialetos do Timbira), do Kîsêdjê (Suyá) e do Xokleng.<sup>10</sup>

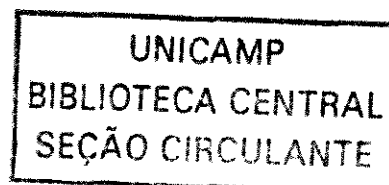
### 1.8.1 Krahô

O Krahô, por exemplo, apresenta uma cisão no eixo temporal (cf. Souza, 1990). O padrão ergativo, visível morfológicamente no sistema pronominal, se manifesta quando a sentença está no tempo passado, enquanto que nos outros tempos, a língua exibe um padrão acusativo. As mudanças morfológicas encontradas no sistema ergativo quando comparado ao sistema acusativo são similares aquelas presentes no Mebengokre: (i) Verbos intransitivos no sistema acusativo não exibem os prefixos de pessoa, mas passam a exibí-los no sistema ergativo; (ii) raízes verbais no passado têm um morfema adicional (-r no verbo intransitivo e -n no verbo transitivo). Essas diferenças podem ser observadas comparando os exemplos (6a, 6b) no sistema acusativo com aqueles (6c, 6d) no sistema ergativo:

- (6) a. ka    apu kre  
      2NOM ASP cantar  
      'você está cantando'
- b. ka    ha i-pupu  
      2NOM FUT 1AC-ver  
      'você vai me ver'
- c. ka    a-krer  
      2Suj 2ABS-cantar  
      'você cantou'

---

<sup>10</sup>Gostaria de deixar claro que estou adaptando algumas glosas, dos exemplos das línguas Jê, com o intuito de unificá-las àquelas usadas neste texto, e também para pôr em evidência certas semelhanças entre essas línguas e o Mebengokre.



- d. *ite a-pupun*  
 1ERG 2ABS-ver  
 'você me viu'

(Krahô — adaptado de Souza, 1990: 50)

Segundo Souza “[...] o sujeito transitivo no passado perfeito aparece sempre marcado pela posposição *te*, e [...] o sujeito intransitivo no passado perfeito recebe o mesmo tratamento sintático (ou morfossintático) que o objeto direto” (Souza, 1990: 49).

### 1.8.2 Parkatêjê

No Parkatêjê (cf. Araújo, 1989) sempre que a sentença transitiva é marcada no tempo passado, o SN Agente aparece seguido da marca *te*, do mesmo modo que em Krahô:

- (7) a. *wa ka i-kra pà*  
 1NOM sozinha 1POSS-filho carrego  
 'eu carrego meu filho'
- b. *wa i-te i-kra pàn*  
 1NOM 1-ASP 1POSS-filho carreguei  
 'eu carreguei meu filho'

(Parkatêjê — adaptado de Araújo, 1989: 71)

Embora analise o Parkatêjê como uma língua ativa/estativa, Araújo chega a afirmar que o *te* “seria uma espécie de sinal do caso ergativo, pois só ocorre com o sujeito de verbos transitivos e não com o sujeito de verbos intransitivos” (Araújo, 1989: 54). Araújo interpreta *te* como uma partícula marcadora de Tempo/Aspecto. Segundo a autora, o *te* ocorre sempre que o fato relatado é passado/perfeito. Note-se também que o verbo no pasado perfeito (7b), diferente do verbo no presente (7a), mostra o sufixo *-n*.

### 1.8.3 Kīsêdjê

No Kīsêdjê (Suyá), segundo Santos (1997), há uma cisão mais geral que coloca de um lado SNs e de outro elementos pronominais. A marcação morfológica

sobre os SNs segue o padrão acusativo, pois os SNs nas funções de A e S são seguidos pela marca *ra*, em oposição ao O que recebe marca  $\emptyset$ . Observe os exemplos seguintes:

- (8) a. *rɔtʃi ra mĩtʃi pĩ*  
       sucuri NOM jacaré matar  
       ‘a sucuri matou o jacaré’  
    b. *rɔtʃi ra akndɔ*  
       sucuri NOM fugir  
       ‘a sucuri fugiu’

No sistema pronominal, no entanto, há duas possibilidades: os pronomes podem tanto exibir um padrão de caso acusativo bem como um padrão ergativo. No sistema acusativo os pronomes que funcionam como O são formas prefixais que se diferenciam dos pronomes A e S os quais são expressos por pronomes livres (9a, 9b). A maneira como o Kĩsédjê expressa marcação de caso no sistema pronominal é similar à do Mebengokre (cf. seção 1.8.5).

- (9) a. *wa ŋgɛ*  
       1NOM cantar  
       ‘eu cantei’  
    b. *wa a--mũ*  
       1NOM 2AC ver  
       ‘eu vi você’

Passando agora para o sistema ergativo (10a, 10b) observa-se que são os pronomes que funcionam como A que são expressos de uma maneira especial e os argumentos S e O são agrupados da mesma maneira por meio dos pronomes presos:

- (10) a. *a-ŋgere mǎ*  
       2ABS-dançar FUT  
       ‘você dançará’  
    b. *ire a-kaken kere*  
       1ERG 2ABS-arranhar NEG  
       ‘eu não arranhei você’

(adaptado de Santos, 1997)

Embora nomes e pronomes apresentem sistemas de caso distintos, observa-se que quando uma sentença contendo SNs plenos como argumentos é negada, A e S continuam recebendo a marca de nominativa *ra*, apesar de que a raiz verbal é a mesma que ocorre com o sistema ergativo no sistema pronominal. Comparem-se os exemplos (10a) com (11a) e (10a) com (11b):

- (11) a. *rotfi ra mĩtʃi pĩri kere*  
           sucuri NOM jacaré matar NEG  
           ‘a sucuri não matou o jacaré’
- b. *mẽ ra ŋgere mã*  
           pessoal NOM dançar FUT  
           ‘o pessoal dançará’

Há portanto dois tipos de cisões presentes no Kĩsêdjê uma que diferencia nomes de pronomes, e outra que opera internamente ao sistema pronominal, ou seja, os pronomes em determinados contextos seguem o padrão de caso nominativo-acusativo, e em outros seguem o sistema de caso ergativo/absolutivo.

Segundo Dixon, línguas que apresentam diferentes sistemas de caso entre nomes e pronomes exibirão o sistema ergativo com os primeiros e o sistema acusativo com os últimos, e não de outra forma. No entanto, Santos afirma que o Kĩsêdjê “constitui uma exceção à previsão de Dixon, de que nomes geralmente apresentam um sistema ergativo, e pronomes um sistema nominativo, pois nesta língua, nomes mostram um sistema nominativo-acusativo enquanto os pronomes apresentam um sistema cindido: ergativo-absolutivo e nominativo-acusativo” (cf. Santos, 1997: 166).

#### 1.8.4 Xokleng

O Xokleng apresenta uma cisão condicionada pelo aspecto. Segundo Urban (1985), os aspectos em jogo são os que ele chama de “estativo”, onde ocorre o sistema ergativo, e o “ativo”, onde se manifesta o sistema acusativo.

- (12) *Construções estativas*
- a. *ti tẽŋ wã*  
           ele ir estativo  
           ‘ele foi’



- b. ti tō ti penū wā  
 ele ERG ele atirar estativo  
 ‘ele atirou nele’

(13) *Construções ativas*

- a. tã wū tē mū  
 ele NOM ir ativo  
 ‘ele foi’
- b. tã wū ti penū mū  
 ele NOM ele atirar ativo  
 ‘ele atirou nele’

(Xokleng — Urban, 1985: 166)

Nas construções com o aspecto “estativo”, a marcação morfológica sobre os SNs é ergativa. Neste caso o SN na função de Agente é seguido pela marca *tō*. Nas construções com aspecto “ativo”, a marcação morfológica sobre os SNs segue o padrão acusativo. Neste sistema são os SNs na função de sujeito de verbo intransitivo e sujeito de verbo transitivo que são seguidos pela marca *wū*.

O Xokleng, revela também uma cisão no sistema de caso envolvendo orações subordinadas versus principais.

- (14) a. yḡuḡ ðāl ē tō win (oração subordinada)  
 falcão pena coref. (ele)ERG guardar
- b. tō tã wāḡmē kōḡāḡ mū (oração principal)  
 POSP he Refl.—distr botar ativo  
 ‘ele vestiu as penas do falcão que ele tinha guardado’<sup>11</sup>

(Urban, 1985: 179)

De acordo com Urban, se a oração principal é encabeçada pela partícula *mū* os argumentos seguem o padrão acusativo, que é reforçado pela presença da marca *tã* que sempre ocorre em orações simples quando o sistema de caso é acusativo. Nessa língua as orações principais ou independentes podem ter seus argumentos expressos ou no sistema ergativo ou no sistema acusativo, mas as orações subordinadas sempre seguem o padrão ergativo.

<sup>11</sup>Tradução minha. No original: “he put on the falcon feathers that he had stored away”.

Urban afirma então que a cisão presente nas orações subordinadas versus principais não segue a previsão feita por Dixon de que orações principais e subordinadas devem exibir sistema de caso opostos, ou seja se a oração principal é acusativa a subordinada deverá ser ergativa. Os motivos que levam Urban a essa conclusão são pelo menos dois: “primeiro, o padrão ergativo aparece em todos os tipos reconhecíveis de orações subordinadas. Segundo, a sentença principal pode ter um padrão ou ergativo ou acusativo, isto é, não mostra uma marcação ‘oposta’ [às subordinadas]” (Urban, 1985: 180).

Na próxima seção apresento, de maneira introdutória, os mecanismos morfológicos que revelam o comportamento parcialmente ergativo do Mebengokre.

### 1.8.5 Mebengokre

Morfologicamente a ergatividade parcial do Mebengokre se revela da seguinte maneira: no sistema acusativo, A e S são realizados por pronomes livres e O é expresso por formas prefixais.

No sistema ergativo O e S recebem a mesma série de prefixos de pessoa e A distingue-se de ambos por receber uma marca morfológica particular. Diferente do Kĩsêdjê e do Xokleng, SNs não recebem marcas de caso em Mebengokre.

Nos exemplos abaixo observa-se que as orações afirmativas se diferenciam das orações negativas na maneira como o verbo expressa seus argumentos. O exemplo (15) ilustra o sistema acusativo e (16) o sistema ergativo.

- (15) a. ba a-kaprekrek  
 1NOM 2AC-bater  
 ‘eu bati em você’  
 b. ba a-pumũ  
 1NOM 2AC-ver  
 ‘eu vi você’  
 c. ga ŋre  
 2NOM cantar  
 ‘você canta’  
 d. ga tɔ  
 2NOM dançar

- ‘você dançou’
- (16) a. *ije a-kaprepek ket*  
 1ERG 2ABS-bater NEG  
 ‘eu não bati em você’
- b. *ije a-pumũɲ kadzɯ*  
 1ERG 2Ac-ver PROP  
 ‘para eu ver você’
- c. *a-ŋrɛrɛ ket*  
 2ABS-cantar NEG  
 ‘você não canta’
- d. *a-tɔrɔ mĩ*  
 2ABS-banhar PROSPEC  
 ‘você est’ a para dançar’

Nos exemplos acima chamamos atenção para as seguintes diferenças: (i) verbos intransitivos no sistema acusativo são despidos de morfologia, isto é, não apresentam os pronomes presos e não exibem os morfemas em negrito<sup>12</sup> presentes nas formas equivalentes no sistema ergativo — compare-se (15) com (16);<sup>13</sup> (ii) as formas pronominais são morfologicamente distintas, *ba* no sistema acusativo e *ije* no sistema ergativo;<sup>14</sup> (iii) a marca de negação *ket* e as marcas de aspecto *kadzɯ* e *mĩ* seguem a raiz verbal. Em geral o verbo sempre aparece em última posição no sistema acusativo, enquanto que no sistema ergativo ele é via de regra seguida por outro elemento.

Diante do exposto cabe perguntar-nos: Uma vez que essas línguas estão dando evidências contrárias a determinadas previsões de teorias funcionais-tipológicas, onde está o problema dessas análises? De que maneira é possível capturar os diferentes tipos de cisões presentes nessas línguas? Será que há de fato uma cisão no eixo tempo/aspecto nessas línguas ou esse é apenas um fator secundário na cisão de caso? Neste trabalho discutirei algumas dessas questões com base no que ocorre em Mebengokre. Acredito, no entanto que essas questões devam ser consideradas em futuros estudos comparativos com as línguas desta família.<sup>15</sup>

<sup>12</sup>Ver capítulo 2, seções 2.2 e 2.2.1.

<sup>13</sup>O verbo *kaprepek* (‘bater’) exemplo (15c) é invariável.

<sup>14</sup>Ver capítulo 3.

<sup>15</sup>Essa é a proposta apresentada em Reis Silva (2001b).

Minha preocupação aqui limita-se a buscar uma explicação para os fatos do Mebengokre. No que diz respeito ao Mebengokre, considero como hipótese que sua ergatividade parcial, antes de ser condicionada por fatores semânticos, decorre da natureza das categorias que encabeçam a oração. Retomaremos essa discussão no capítulo 4.

Minha hipótese sobre a ergatividade do Mebengokre, língua canonicamente SOV, é a de que há uma forte relação entre posição ocupada pelo verbo, suas propriedades verbais e o sistema de caso da língua. Dito de outro modo, o Mebengokre parece trazer evidência a favor de uma análise que considera que a ergatividade cindida, nesta língua, é antes de natureza sintática do que semântica. Ou seja, a semântica não seria o fator central que desencadearia a ergatividade cindida, mas sim um fator estrutural. Deste modo sempre que o verbo não ocupa a posição de núcleo do predicado, seus traços  $[-V, -N]$  seriam alterados para  $[+V, -N]$ , produzindo assim o sistema ergativo.

Essa hipótese se coaduna com aquela que considera que “as línguas ergativas são sempre definidas como sistemas “inacusativos” (Nash, 1997: 138) onde o verbo não tem a capacidade de atribuir Caso para seu objeto.

A descrição e discussão sobre os ambientes onde se encontra a ergatividade cindida em Mebengokre será retomada no capítulo 4.

## 1.9 Estrutura desta Dissertação

Esta dissertação não pretende cobrir as diferentes áreas da gramática do Mebengokre. Logo, a estrutura deste trabalho foge ao estilo dos trabalhos tradicionais sobre línguas indígenas, nos quais se observa, em geral, uma descrição sistemática da fonologia, morfologia e sintaxe da língua estudada.

O objetivo desta dissertação é descrever o sistema de marcação de caso do Mebengokre, e discutir a natureza da ergatividade cindida nessa língua.

É importante ressaltar, no entanto, que este trabalho não está ocupado em buscar uma solução dentro de um determinado modelo teórico. Antes, lança mão da teoria como um instrumento heurístico de modo a permitir uma compreensão geral do problema em questão.

Esta dissertação está organizada como segue: No capítulo 2, são apresentados alguns aspectos da morfossintaxe verbal discutindo os seguintes pontos: (i) critérios para estabelecer as classes N e V; (ii) formas verbais; (iii) categorias flexionais presentes nos verbos, (iv) processos de mudança de valência

verbal.

O capítulo 3 está dedicado à descrição do sistema pronominal, onde se encontram as marcas morfológicas da ergatividade parcial do Mebengokre. Com base no comportamento sintático e morfológico dos pronomes livres e morfemas presos de pessoa procuraremos estabelecer uma distinção entre eles. A principal questão a ser problematizada neste capítulo diz respeito ao estatuto dos prefixos de pessoa, dado o seu comportamento diferenciado no sistema acusativo versus sistema ergativo, onde parecem ter ora estatuto de pronomes, ora de concordância, respectivamente.

Por fim, no capítulo 4 retomo a discussão sobre a natureza da ergatividade parcial do Mebengokre e descrevo os diferentes ambientes onde a ergatividade se manifesta, questionando quais são os fatores que condicionam a cisão no sistema de caso nessa língua.

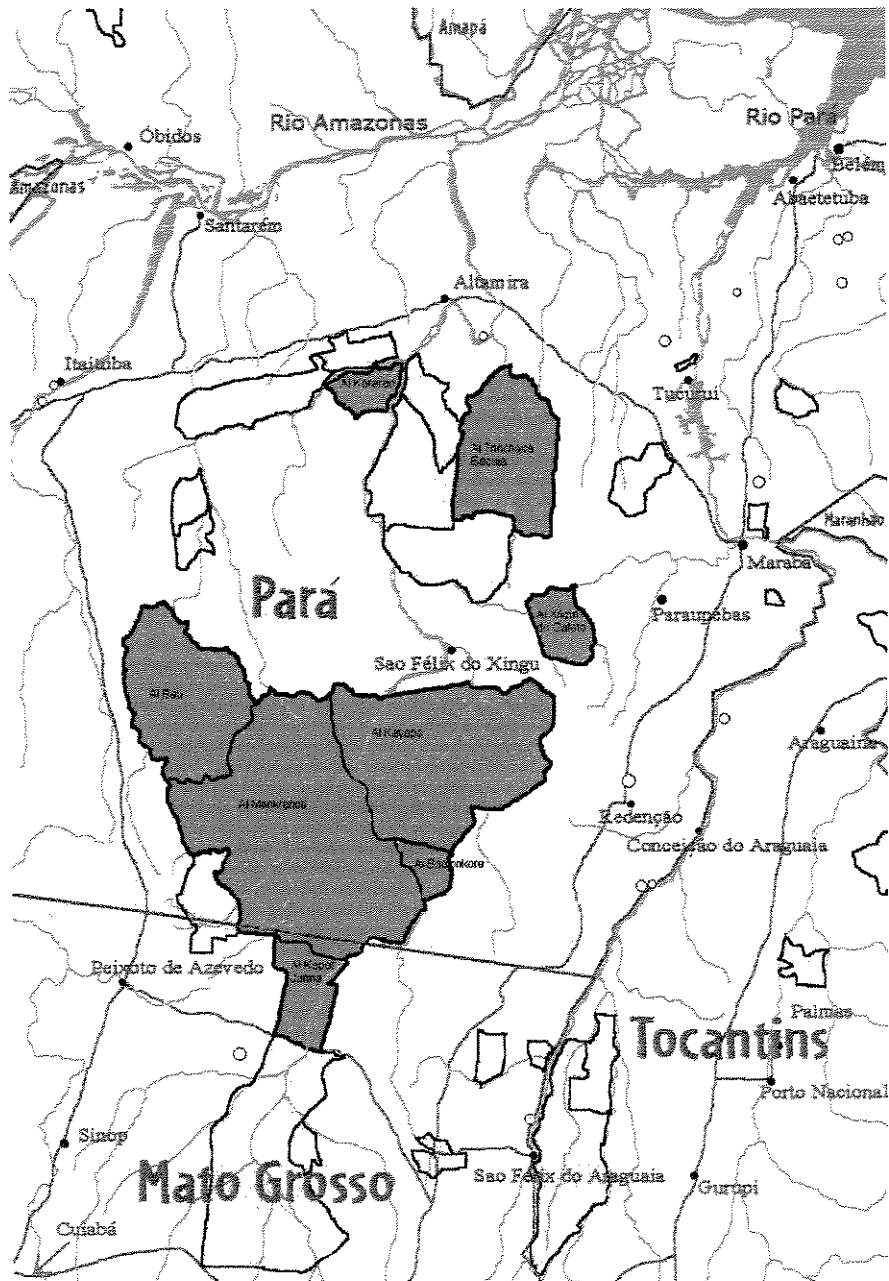


Figura 1.1: Localização das Áreas Mebengokre (fonte: DAF – FUNAI)

# Capítulo 2

## Morfossintaxe Verbal

Neste capítulo apresento um panorama da morfossintaxe do Mebengokre. Especial atenção será dada àquelas propriedades que estão diretamente relacionadas com o sistema de caso. Este capítulo está organizado como segue: na seção 2.1 discuto a distinção entre nomes e verbos e os critérios que foram utilizados para definir essas categorias; na seção 2.2 exponho as diferenças entre as duas formas do verbo mebengokre e suas respectivas relações com o sistema de caso; na seção 2.2.1 analiso os morfemas que se agregam à margem direita do verbo; na seção 2.3 descrevo como se expressam as categorias verbais tais como tempo, modo e aspecto; por fim na seção 2.4 apresento uma breve descrição do verbo leve *o* que ocorre nas construções expressando aspecto progressivo.

### 2.1 Categorias Nome e Verbo

Tem-se questionado, com base nas línguas ditas não-configuracionais, se a distinção entre as categorias lexicais N(ome) e V(erbo) deve existir a priori em todas as línguas (veja-se os trabalhos de Jelinek (1989), dentre outros, sobre as línguas Salish). Algumas línguas do território brasileiro, como o Assurini do Trocará (Vieira, 1993) e Kadiwéu (Sandaló, 1997), dentre outras, levantam essa questão, pois não apresentam um nítido contraste entre essas categorias lexicais, uma vez que qualquer raiz pode funcionar como predicado.

O Mebengokre, embora seja uma língua configuracional, possui várias raízes que podem tanto ser associadas a nomes quanto a verbos. Também nesta língua praticamente qualquer palavra pode funcionar como predicado.

Observe-se nos exemplos em (17) que as palavras para termos de parentesco e partes do corpo, dentre outras, são sempre ambíguas entre uma leitura nominal e uma leitura verbal:

- (17) a. (ba) i-pa ‘meu braço’ ou ‘eu tenho braço’  
b. (ga) a-prō ‘tua mulher’ ou ‘você tem mulher’  
c. (ba) i-prōt ‘eu corro’ ou ‘minha corrida’  
d. (ba) i-dʒudʒu ‘meu feitiço’ ou ‘eu sou feiticeiro’  
e. (ba) i-kabēn ‘minha fala’ ou ‘eu falo’

Vejam agora outro conjunto de dados onde só há a leitura verbal:

- (18) a. ∅ i-kurwa ‘ele me bateu’  
b. i-mā arē ‘diz para mim’ (imperativo)  
c. ga boj ‘você chega’  
d. ba tē ‘eu fui’

Observe que a flexão de pessoa é a mesma para todas as palavras flexionáveis em Mebengokre, tal como se observa em (17) e (18), mas as palavras em (17) diferem daquelas em (18), por só terem uma leitura predicativa.

Vejam por exemplo o que ocorre quando as estruturas em (17) e (18) são negadas. Observe (19) e (20):

- (19) a. (ba) i-pa ket ‘eu não tenho braço’/(lit. ‘meu não braço’)  
b. (ga) a-prō ket ‘você não tem mulher’/(lit. ‘tua não mulher’)  
c. (ba) i-prōt ket ‘eu não corro’/(lit. ‘minha não corrida’)  
d. (ba) i-dʒudʒu ket ‘eu não sou feiticeiro’/(lit. ‘meu não feitiço’)  
e. ba i-kabēn ket ‘eu não falo’/(lit. ‘minha não fala’)
- (20) a. kutɛ i-kurwaj ket ‘ele (ERG) não me bateu’  
b. i-mā arēɲ ket ‘não diz para mim’  
c. (ga) a-boj ket ‘você não chega’  
d. (ba) i-tēm ket ‘eu não fui’

As estruturas em (17), quando negadas (cf. 19), permanecem inalteradas. No entanto, observe-se que as orações em (18) se diferenciam daquelas em (20) tanto morfológica quanto sintaticamente. Uma das diferenças está na



forma do radical: as raízes *kurwa*, *arē* e *tē* quando negadas, são acrescentadas dos morfemas *-j*, *n* e *m*, respectivamente. Outra diferença está na expressão morfológica de um dos argumentos, aquele na função semântica de Agente que, em (18a) por exemplo é expresso por  $\emptyset$ , enquanto que em (20a) se manifesta como *kute*.

Quando comparamos os exemplos (18c) com (20c), nota-se que as raízes se distinguem não na forma, mas somente pela presença da flexão de pessoa. Já nos pares (18d) e (20d), ambas mudanças são observadas: acréscimo do sufixo<sup>1</sup> e presença da flexão de pessoa.

Com base na variação morfológica e sintática de determinadas raízes, Reis Silva e Salanova (2000) estabeleceram uma divisão entre essas duas categorias, considerando como V(erbos) aquelas raízes que possuem uma forma finita e outra não finita, que se reflete na maneira de marcar seus argumentos.

Deste modo, as palavras que são invariáveis tanto na forma do seu radical quanto na maneira de marcar o seus argumentos foram consideradas por Reis Silva e Salanova (op. cit) como NOMES.<sup>2</sup> Já as raízes que exibem uma variação em seu radical, seja pelo acréscimo de um morfema, ou por alternarem entre exibir ou não a flexão de pessoa foram consideradas VERBOS.

Esta classificação coincide com a divisão entre palavras que permitem uma leitura nominal e aquelas que permitem só a leitura verbal apontada acima. Entre as palavras que não apresentam duas formas (i.e., nomes) estão aquelas palavras que em Português normalmente seriam traduzidas como adjetivos:

- (21) a. (ga) a-tɔj 'você é forte'  
 b. (ba) i-kaɔɔ 'eu estou quente'  
 c. gu ba-prĩɛ 'nós (DUAL) somos pequenos'  
 d. guaj ba-raj 'nós (PC) somos grandes'  
 e. (ga) a-kamrek 'você está vermelho'  
 f. (ba) i-kane 'sua doença'/'você está doente'  
 g.  $\emptyset$  kaprĩn 'tristeza dele'/'ele está triste'

- (22) a. (ga) a-tɔj ket 'você não é forte'

<sup>1</sup>Ver discussão na seção 2.2.1.

<sup>2</sup>Essa categoria poderia abranger também as adposições, mas estas constituem uma classe fechada diferente dos Nomes e dos Verbos. Diferentemente dos Nomes, Posposições podem encabeçar um sintagma adjunto.

- b. (ba) i-kaŋrɔ ket 'eu não estou quente'
- c. gu ba-prĩre ket 'nós (DUAL) não somos pequenos'
- d. guaj ba-raj ket 'nós (PC) não somos grandes'
- e. (ga) a-kamrek ket 'você não está vermelho'
- f. (ba) i-kane ket 'sua não doença'/'você não está doente'
- g. Ø kaprĩn ket 'a não tristeza dele'/'ele não está triste'

Não há em Mebengokre uma classe definida como adjetivo. Veja que assim como os nomes, esses elementos não mostram uma mudança em sua forma: exibem flexão de pessoa em ambos contextos, tanto afirmação quanto negação. Pelo critério estabelecido por Reis Silva & Salanova (op.cit) eles se agrupam dentro da classe dos nomes. Um argumento a favor de que os chamados adjetivos estão na classe dos Nomes é que assim como estes, eles recebem os morfemas diminutivo *-re* e o aumentativo *-ti*. Podemos então acrescentar, à distinção feita em Reis Silva e Salanova (2000) entre Nomes e Verbos que, as raízes nominais são NOMES no nível da raiz, mas sintaticamente elas funcionam como verbos.

## 2.2 As formas Verbais

Na seção acima mostrei, com base num critério morfossintático, que somente as raízes que possuem uma forma finita e outra não finita podem ser consideradas verbo em Mebengokre.

Nesta seção discutirei as propriedades de cada uma dessas formas verbais, mostrando como cada uma delas é associada aos dois sistemas de caso presentes nesta língua.

As formas finitas e não finitas dos verbos têm sido denominadas na literatura sobre línguas Jê como "forma curta" e "forma longa" respectivamente. No entanto, não se encontra em trabalhos anteriores nenhuma discussão sobre a natureza dessas formas verbais. Entretanto, Reis Silva (1996a) sugere que a forma não finita do verbo mebengokre seria como um Nome, idêntica à conclusão de Santos (1997) para o Kĩsêdjê. Aqui procurarei estabelecer uma relação entre as propriedades de cada uma dessas formas verbais e como isso tem reflexo na sintaxe desta língua.

Nos exemplos (23-25) cada sentença é dada com as duas formas verbais, finita, nos exemplos (a), e não finita, nos exemplos (b).

- (23) a. ga    ɲo kam re  
 2NOM rio LOC nadar  
 'você nada no rio'
- b. ga    ɲo kam a-rere    ket  
 2NOM rio LOC 2ABS-nadar NEG  
 'você não nada no rio'
- (24) a. ga    mua  
 2NOM chorar  
 'você chora'
- b. a-mɯɯɯ    ket  
 2ABS-chorar NEG  
 'você não chora'
- (25) a. ba    mēbengokre kabēn ma  
 1NOM mebengokre fala    saber  
 'eu sei falar Mebengokre'
- b. ije    mebengokre kabēn mari kadʒu  
 1ERG mebengokre fala    saber PROP  
 'para eu saber falar Mebengokre'

A forma não finita dos verbos é morfologicamente marcada. Ela é utilizada, via de regra, nas circunstâncias em que há algum elemento pós-verbal (cf. todos os exemplos em (b) dos pares acima). Observem-se também os exemplos em (26):

- (26) a. memɯ    kute rəp    pumũɲ mǎ  
 homem 3ERG cachorro ver    PROSPEC  
 'o homem está para ver o cachorro'
- b. i-mǎ [aje tɛp krēn] prǎm  
 1-DAT [2ERG peixe comer] querer  
 'Eu quero que você coma peixe.'

As formas não-finitas também são usadas em construções condicionais, denominadas por Thomson (1974) de "construções contrafactuais", como a que segue onde o verbo que aparece na primeira oração está em sua forma não finita:

- (27) dʒa a-krā katoro ga arɣm omũ  
 MI 2POSS-cabeça sair 2NOM já ver  
 ‘Se você tivesse botado a cabeça para fora, você teria visto.’

São as formas não finitas que funcionam em contextos onde normalmente se requer uma raiz com propriedades mais nominais. Compare os exemplos abaixo e observe que raiz empregada com sentido adjetival só pode ser a forma não finita, como mostra o contraste entre (28c) e (28d) como resposta à pergunta (28b)

- (28) a. ba tɛp ga  
 1NOM peixe assar  
 ‘eu assei peixe’  
 b. mɔj nē ga a-krē  
 PI COMP 2NOM 2s-comer  
 ‘o que você comeu?’  
 c. tɛp dʒara nē ba ku-krē  
 peixe assado COMP 1NOM 3AC-comer  
 ‘foi peixe assado que eu comi’  
 d. \*tɛp ga  
 peixe assar  
 NÃO: ‘peixe assado’

Também são essas formas que aparecem com determinados tipos de compostos.<sup>3</sup> Vejam-se os exemplos abaixo, onde a forma finita do verbo correspondente é dada entre parênteses:

- (29) a. mē -ɲrɛrɛ -dʒa (ɲrɛ)  
 pessoa cantar NMINST  
 ‘gravador/rádio’ (lit. instrumento de gente cantar)  
 b. mē -kane -pumɔɲ -dʒa (omũ)  
 pessoa doença ver NMINST  
 ‘microscópio’ (lit. instrumento de ver a doença dde pessoas)

<sup>3</sup>Não fiz uma análise morfológica dessas estruturas, mas ao serem traduzidas para o Português remetem à estrutura de uma relativa. O exemplo (29a) pode ter a seguinte tradução: “aquilo que serve para pessoa cantar”.

- c. mē -pari -dʒwɔj (kupa)  
 pessoa matar NMAG  
 ‘matador’ (lit. dono de matar pessoas)

Uma pergunta que pode ser feita é porque esses contextos requerem sempre uma forma não finita ao invés da forma finita? A resposta que pode ser dada a essa pergunta é que como a forma não finita envolve a perda de propriedades verbais, somente ela, e não a forma finita, pode ocorrer nos contextos onde se exige uma forma com propriedades mais nominais.

O que estamos chamando de formas não finitas no Mebengokre podem ser traduzidas para o Português como uma forma gerundiva ou participial, são tradicionalmente consideradas formas nominais.

Veja no exemplo abaixo que a presença da negação em Kīsêdjê, assim como em Mebengokre, exige a forma não finita do verbo:

- (30) a. wa ŋgre  
 1NOM dançar  
 ‘eu dancei’  
 b. i-ŋgere ket  
 1ABS-dançar NEG  
 ‘eu não dancei’

(Santos, 1997:67)

Os contextos onde as formas não finitas<sup>4</sup> aparecem em Kīsêdjê são os mesmos que em Mebengokre: (i) negação; (ii) construções com *mã* ; (iii) aspecto progressivo. Todos esses elementos aparecem em posição final, do mesmo modo que em Mebengokre.

<sup>4</sup>Santos (1997) chama as formas finitas e formas não finitas de FB e FA respectivamente. Esse autor chega a mencionar que a forma não finita dos verbos é “usada em funções nominais” (p. 70) como nos seguintes exemplos (op. cit., p. 71):

- a. wa-nõrõ ra mbetfi  
 1-dormir NOM bonito  
 ‘nosso deitar é bonito’  
 b. hē wa nõ  
 NFUT 1NOM dormir  
 ‘eu deitei’

No Parkatejê, diferentemente do Kĩsêdjê e do Mebengokre, as formas não finitas do verbo parecem não ser condicionadas à presença de um outro elemento pós-verbal<sup>5</sup> já que elas sempre aparecem em última posição. Observa-se, no entanto, que do mesmo modo, como ocorre nas línguas citadas acima, é essa forma verbal que está associada com ocorrência de *te*, estrutura que poderia ser interpretada como ergativa.

- (31) a. mpy kotyk̄ti tojk̄o  
 homem café bebe  
 ‘o homem bebe café’
- b. mpy te kotyk̄ti tojk̄om  
 homem T/A café bebeu  
 ‘o homem bebeu café’

(Araújo, 1989: 71)

O verbo *tojk̄o* (‘beber’) em (31a) difere morfologicamente de (31b) pela presença do morfema *m*. Segundo Araújo as consoantes finais, no Parkatejê, seriam típicas de verbos ativos (op. cit., p. 86). De acordo com essa autora os verbos ativos apresentam uma classificação binária entre os que tem uma forma longa quando a sentença é marcada para o Tempo passado/Aspecto completo e aqueles com apenas uma forma. No que diz respeito ao acréscimo desses morfemas, Araújo afirma que somente os verbos constituídos apenas por uma base e terminados em vogal exibiram duas formas (“longa” e “curta”).

### 2.2.1 Os afixos verbais

Devemos nos perguntar sobre a natureza desses morfemas e qual o tipo de mudança que eles provocam nas raízes verbais. Seriam de fato morfemas

---

<sup>5</sup>Convém ressaltar que há construções nas quais não há nenhum outro elemento seguindo o verbo e este aparece em sua forma não finita como no exemplo: ta nê kute mari (3FC COMP 3ERG saber) ‘ele (é) que sabe’. Não tenho encontrado muitos exemplos deste tipo no corpus que disponho. No entanto, eles não podem ser deixados de lado, já que parecem constituir uma exceção a generalização que tenho feito neste trabalho. Como hipótese sugiro que nestes casos haveria um núcleo nulo que cumpre a mesma função dos demais núcleos: “NEG”, “ASP”, mas esta é uma hipótese que deverá ser investigada.

temporais ou modais, como em Parkatêjê? Ou, esses morfemas apenas afetariam a estrutura argumental do verbo fazendo com que este lincencie seus argumentos de uma maneira diferente das formas finitas?

Os sufixos que têm sido encontrados até agora são: *-m, -ɲ, -j, -k, -n, -r*.<sup>6</sup> É importante chamar atenção para o fato de que o sufixo só é acrescentado às raízes verbais quando estas são terminadas em vogal. As raízes terminadas em consoante não são afetadas por essa regra. Não é possível prever a forma desses sufixos a partir da forma do radical ao qual eles se afixam. Eles também não são específicos de verbos transitivos ou intransitivos, ocorrendo em ambos.

Quando o morfema em questão é /r/, a vogal do núcleo é copiada após esse morfema, exceto quando a vogal do núcleo é /a/, em que a vogal /i/ é inserida.

No conjunto de verbos abaixo observem-se as diferenças entre as formas finitas e não finitas dos radicais:

(32) *Mebengokre*

	“forma finita”	“forma não finita”	
a.	ku-bĩ	bĩn	‘matar’
b.	ku-krẽ	krẽn	‘comer’
c.	ku-mɣ	mɣj	‘segurar’ (nos braços)
d.	ku-ga	ɾɾɾ	‘assar’
e.	ku-ma	mari	‘ouvir/saber’
f.	omũ	omũɲ	‘ver’
g.	tɔ	tɔrɔ	‘dançar’/‘voar’
h.	kato	katɔrɔ	‘sair’
i.	dʒa	ãm	‘estar em pé’
j.	ɲũ	ũrũ	‘sentar’
l.	ɲɾɛ	ɲɾɾɛ	‘cantar’
m.	re	rere	‘nadar’

Os verbos nos exemplos (32a-e) são transitivos e exibem a marca concordância com o objeto (ku-), somente na forma finita.<sup>7</sup>

<sup>6</sup>Santos encontra, praticamente, a mesma série de morfemas no Suyá: *m, n, y, k*. O outro contexto mencionado por esse autor é “ a presença de uma sílaba RV, em que a vogal tem a mesma qualidade da raiz” (op. cit. p. 69), observe-se que os contextos onde ocorre o *r* em Mebengokre sofrem o mesmo processo fonológico.

<sup>7</sup>Falaremos sobre a concordância de objeto no capítulo 3 seção 3.3.2.

## 2.3 Tempo, modo e aspecto em Mebengokre

Já foi mencionado acima que os verbos em Mebengokre nunca são flexionados para tempo, modo ou aspecto, embora apresentem duas formas morfológica e sintaticamente distintas que se correlacionam com certas construções que modificam o valor temporal e aspectual da oração. Nesta seção apresentamos uma breve descrição de como se manifestam em Mebengokre estas categorias verbais.

O Mebengokre possui uma série de partículas<sup>8</sup> que podem se agrupadas em duas classes, considerando-se a posição que ocupam na sentença: (i) partículas de segunda posição, que se aglomeram na periferia esquerda da sentença; (ii) partículas de última posição, que ocorrem na posição pós-verbal. Essas partículas codificam as noções normalmente associadas à categoria IP (no esquema X-barra) da estrutura da oração. A seguir descreverei como a presença dessas partículas se associa a determinadas categorias gramaticais.

### 2.3.1 Tempo

Há línguas em que tempo não é uma categoria gramatical, antes é determinado lexicalmente através de certas expressões com valor temporal.

O Mebengokre, por exemplo, não exhibe nenhuma distinção gramatical entre referência temporal passada ou presente; assim, uma frase como a que segue pode ter tanto uma leitura presente quanto passada:

- (33) a. ba boj  
1NOM chegar  
'eu cheguei/chego'
- b. menire krĩ mĩ pĩ o tẽ  
mulher aldeia POSP madeira 'fazer' ir  
'as mulheres levam (levaram) lenha para aldeia'

No entanto a presença da partícula *dʒa* transmite a frase a noção de referência temporal futura. Compare (33a) com (34):

- (34) arɣp dʒa ba boj  
já MI 1NOM chegar

---

<sup>8</sup>O termo partícula é usado aqui para se referir a elementos de natureza funcional que poderiam ser considerados como os Modais do Inglês ou Auxiliares, no caso particular das partículas de segunda posição.



‘eu já vou chegar’

Outros contextos onde *dza* é também usado incluem certas construções condicionais (35a) e perguntas sim/não (onde é usado a marca *dzãm* aparentemente formada a partir de *dza* e *ãm*).

- (35) a. *dza a-mã prãm ba a-mã ku-ga*  
MI 2-DAT querer 1NOM 2-DAT 3AC-assar  
‘se você tiver fome eu asso para você’  
b. *dzãm a-mã prãm?*  
PI 2-DAT querer  
‘você está como fome?’

Concluo que o valor temporal de *dza* é parasítico de seu valor de modo irrealis. O modo realis se opõe ao modo irrealis pela ausência do *dza*.

Outras diferenças temporais, como por exemplo passado mais remoto e passado mais recente são expressas mediante o uso de itens lexicais tais como *amrêbe* (passado remoto) e *ajbiri* (passado recente), além de outras.

Convém chamar atenção neste ponto para a diferença que há entre *dza* e *nê*. Em análises anteriores *nê* aparece, algumas vezes, como marca de irrealis, e outras, como marca de não futuro. O *nê* foi confundido como marca de modo irrealis porque geralmente sua ocorrência se dá em estruturas associadas ao irrealis. Ambas marcas têm em comum o fato de serem obrigatórias quando antecidas por um constituinte deslocado ou por um pronome repetido para produzir ênfase. No entanto sua presença na sentença parece indicar que o constituinte a sua esquerda está focalizado:<sup>9</sup>

- (36) a. *kajtire krī raj mã tē*  
Kaitire aldeia grande para ir  
‘Kaitire vai para a cidade’  
b. *kajtire nē krī raj mã tē*  
Kaitire(FOC) COMP aldeia grande para ir  
‘é o Kaitire (não o Pedro) que vai para a cidade’  
(37) a. *ba nē ba ipej*  
1FOC COMP 1NOM fazer

---

<sup>9</sup>Pela explicação dada pelo meu assessor linguístico entre as estruturas contendo o *nê* e aquelas sem esse elemento me leva à conclusão que as construções com *nê* são construções com foco contrastivo.

- 'fui eu (não o Kaitire) que (o) fiz'
- b. ba ba ipej  
1TOP 1NOM fazer  
'eu mesmo (o) fiz'
- c. ba ipej  
1NOM fazer  
'eu (o) fiz'

O *dza* poderia ocorrer nas mesmas estruturas acima onde aparece o *nē* com a diferença que a leitura seria sempre no modo irrealis. Uma possível explicação para a não coocorrência desses dois elementos seria dizer que eles competem para a mesma posição.<sup>10</sup>

É bastante comum ter o *nē* quando se tem um constituinte deslocado, grande parte dos exemplos usados ao longo desta dissertação exibem a presença desse elemento. Observa-se que ocorrência do *nē*, no sistema ergativo, é menos comum que no sistema acusativo.

### 2.3.2 Modo

Além do *dza*, mencionado acima, há uma série de outras partículas em Mebengokre que têm função modal. Descreveremos aqui muito brevemente as seguintes: *rān* "condicional", *gɔp* "imperativo", *ge* "subjuntivo", e a marca *wɛ*, que expressa valor epistêmico, e é utilizada para marcar que certas proposições foram enunciadas por outra pessoa que não o falante.

- (38) a. *nē rān bēn ket nē re*  
COMP COND falar NEG COMP nadar  
'Se não tivesse falado, teria atravessado (a nado).'

(Thomson, 1974: 4)

- b. *gɔp kum arē ge kuma*  
IMP 3-DAT dizer SUBJ 3AC-ouvir  
'Fale pra ele [para que] ele ouça.' (DM)

<sup>10</sup>A periferia esquerda da sentença em Mebengokre é ainda, no estágio atual desta pesquisa, pouco conhecida. Sabe-se, no entanto, que qualquer constituinte pode ocupar a primeira posição na sentença. Há também uma série de outros elementos cuja natureza ainda não está clara que podem ocupar essa posição.

- c. gora ge na rua  
 oxalá SUBJ chuva descer  
 ‘Tomara que chova.’
- d. wɛ krĩ raj mĩ tẽ  
 M aldeia grande para ir  
 ‘(Diz que) foi à cidade.’

### 2.3.3 Aspecto

Em Mebengokre há um conjunto de posposições que ocupam a posição pós-verbal que produzem efeitos de natureza aspectual. As posposições *mĩ* “para” e *ɣɣ* “até” expressam a idéia de que alguma ação ou evento é iminente, marcando então o aspecto prospectivo. A posposição *kadzɯ* “para” indica propósito.

- (39) a. aje i-pumũp mĩ  
 2ERG 1ABS-ver PROSPEC  
 ‘Você está para me ver.’
- b. i-tũmm ɣɣ  
 1ABS-cair PROSPEC  
 ‘eu estou quase para cair.’
- c. ije mari kadzɯ  
 1ERG saber PROP  
 ‘para eu saber.’

Em trabalhos anteriores, analisamos a partícula *ɣɣ* como marca de futuro iminente (cf. Reis Silva, 1996a). Aqui consideramos que seu valor é principalmente aspectual, e não temporal, pois o evento é ancorado no tempo do restante do enunciado (i.e., o tempo não é inerente à construção com *ɣɣ*):

- (40) kubẽ tẽm ɣɣ nẽ ba boj  
 bárbaro ir PROSPEC COMP 1NOM chegar  
 ‘O bárbaro estava para ir quando eu cheguei.’

Outro contraste aspectual relacionado às posposições é encontrado nas construções com *ri* e *kãm*, ambas posposições locativas. Vejam-se os exemplos a seguir:

- (41) a. i-mōrō ri  
 1ABS-andar LOC  
 ‘Quando eu andava.’
- b. i-mōrō kām  
 1ABS-andar LOC  
 ‘Quando eu fui.’

O contraste entre (41a) e (41b) mostra que o aspecto nessas construções não está no verbo em si, mas sim em certas posições. Uma das manifestações mais claras do aspecto em Mebengokre é o progressivo, que se expressa por meio de uma construção perifrástica constituída pelo verbo leve *o* “fazer” seguido de um verbo posicional como *ɲũ* “estar sentado”, *dza* “estar em pé”, *nõ* “estar deitado”.

- (42) a. kubē nē tep krèn o dza  
 ‘bárbaro’ COMP peixe comer fazer estar em pé’  
 ‘o homem branco está comendo peixe em pé’.
- b. mɣj nē ga o ɲũ  
 PI COMP 2NOM ‘fazer’ sentar  
 ‘o que você está fazendo sentado?’
- c. mɣj nē ga o nõ  
 PI COMP 2NOM ‘fazer’ deitar  
 ‘o que você está fazendo deitado?’

O uso de verbos posicionais bem como o uso de posições e expressões locativas é um mecanismo bastante utilizado pelas línguas naturais para expressar noções de aspecto progressivo. No que tange a isso, Bybee et al. afirmam que

“(...) The locative notion may be expressed either in the verbal auxiliary employed or in the use of postpositions or prepositions indicating location – ‘at’, ‘in’, or ‘on’. The verbal auxiliary may derive from a specific postural verb, such as ‘sit’, ‘stand’, or ‘lie’, or it may express the notion of being in a location without reference to a specific posture but meaning only ‘be at’, ‘stay’, or, more specifically, ‘live’ or ‘reside’. (...) *The form of the main verb is usually nominal (cited as a verbal noun or a gerund), although serial constructions are attested.*” (grifo meu)

(Bybee e outros, 1994, p. 129-30, apud. Fontanals e Simon, 1999: 160)

Observe que tanto as construções com posposições quanto aquelas com  $\text{ɔ}$ -verbos posicionais requerem que o verbo da oração complemento esteja em sua forma não finita. Mas é importante observar que essas construções diferem entre si no que se refere a presença da marca do Caso ergativo. Compare-se (39a) com (42a); observe-se que no primeiro A aparece com Caso ergativo, enquanto que no segundo não. Porém, em ambas estruturas o verbo da oração complemento aparece na forma não finita.

Um outro aspecto no qual as estruturas com as posposições ocupando a posição final e aquelas com os verbos posicionais se diferenciam é que nestas há a presença do verbo leve  $\text{ɔ}$ , enquanto que naquelas ele não ocorre. É possível, por hipótese, que a presença desse verbo e ausência da marca de caso sobre o A possam estar relacionadas.

Quando os verbos posicionais funcionam como verbos principais eles ocorrem sem o verbo leve  $\text{ɔ}$ :

- (43) a. ba arek dʒa 'eu permaneço em pé'  
b. ɲũ 'sente!' (imperativo)  
c. ga nũ 'você deitou'

A questão sobre essas estruturas é saber porque os verbos posicionais não podem ocorrer sem o verbo leve  $\text{ɔ}$  nas construções progressivas. Sua presença é para poder licenciado um argumento como mostram os exemplos da seção 2.4 mais abaixo, ou é sua presença que permite ao verbo posicional tomar como complemento a oração à sua esquerda? Vejamos como esse elemento funciona em outros contextos antes de tentarmos dar uma resposta a essa pergunta.

## 2.4 O verbo “leve” $\text{ɔ}$

Aqui apresentarei o processo de mudança de valência que envolve o verbo “leve”  $\text{ɔ}$ . Há outros processos que afetam a estrutura argumental dos verbos mebengokre, mas não me ocuparei deles neste trabalho.

Analiso o elemento  $\text{ɔ}$  que ocorre nos exemplos acima, em conexão com a construção progressiva, como um verbo leve com o sentido de “fazer”, que tem escopo sobre o constituinte imediatamente à sua esquerda. Seu uso é bastante variado: (i) como uma posposição de sentido instrumental nas orações

transitivas; (ii) como transitivizador e/ou causativizador. Exemplificamos esses diferentes usos a seguir:

(44) *Posposição indicadora de instrumento*

ba kuej katōk o ku-bī  
1NOM pássaro revólver 'com' 3AC-matar

'eu matei o pássaro com o revólver'

(45) *Causativizador*

a. ŋoj nē ipu  
panela COMP cheio  
'a panela encheu'

b. ŋoj nē ba o ipu  
panela COMP 1NOM fazer cheio  
'eu enchi a panela'

c. ŋoj nē ipu o mō  
panela COMP cheia fazer ir (plural)  
'a panela está enchendo'

d. ŋoj nē ba o ipu o mō  
panela COMP 1NOM fazer cheia fazer ir (plural)  
'eu estou enchendo a panela'

(46) *Transitivizador*

a. krī māl nē ba tē  
aldeia para COMP 1NOM ir  
'eu vou à aldeia'

b. krī māl nē ba mrupī o tē  
aldeia para COMP 1NOM carne fazer ir  
'eu levo carne à aldeia'

c. ba o i-mjet  
1NOM fazer 1POSS-marido  
'eu namoro'

d. kaj krī māl mrui o boj  
Kaj aldeia POSP animal fazer chegar  
'Kaj trouxe a caça para aldeia'

Nos exemplos acima note-se que a presença de  $\circ$  licencia um argumento, compare (45a) com (45b) e (45c) com (45d). Observe-se que  $\circ$  só é combinado com *ipu* ('cheio') quando há um agente. Na construção progressiva (45c), onde não há um Agente,  $\circ$  se combina com o verbo *mõ* ('ir' plural), mas não com *ipu* ('cheio'), cuja noção de movimento ganha uma conotação metafórica e passa a indicar o desenrolar do processo, isto é, do ato de estar enchendo a panela. Note que (45d) se diferencia de (45c) apenas pela presença do Agente neste último. Observe que nesse caso  $\circ$  se associa tanto a *mõ* quanto a *ipu*. Esses dados nos conduzem à conclusão de que esse verbo "leve" licencia um argumento.

Nos exemplos (46a-c)  $\circ$  parece funcionar como um transitivizador já que transforma o verbo intransitivo *tẽ* 'ir' (46a) no verbo transitivo 'levar' (46b). Em (46c) transforma o nome *mjet* 'marido' em um verbo. Note-se que neste caso ele não está introduzindo nenhum argumento, pelo menos não há nenhum argumento explicitamente realizado nessa sentença. Com outras raízes, aparentemente intransitivas, a presença do  $\circ$  introduz um argumento. Quando as orações com  $\circ$  são negadas, o sujeito aparece no Caso ergativo e o verbo exibe concordância com o sujeito:<sup>11</sup>

- (47) a.  $\eta\circ$  apej ket  
 água acabar NEG  
 'água não acabou'
- b. ije  $\eta\circ$   $\circ$  i-japej ket  
 1ERG água fazer 1ABS-acabar NEG  
 'eu não acabei a água'

Finalmente,  $\circ$  funciona de forma muito restrita como núcleo de predicados, com o sentido de "fazer alguma coisa a alguém".

- (48) mɣj nẽ ga ku-mã  $\circ$   
 PI COMP 2NOM 3-DAT fazer  
 'o que é que você está fazendo pra ele?'

<sup>11</sup>Não é claro todavia como vários processos de mudança de valência operam no Meben-gokre. No que tange à ocorrência do verbo leve  $\circ$  resta saber com que tipos de raízes ele pode aparecer, já que ele não ocorre com qualquer tipo de verbo. Há dois prefixos *aj-* e *bi-*, como por exemplo *bikamẽɲ* (Vint) – *ajkamẽ* ('deslocar-se') – *kamẽ* ('empurrar', 'afastar') que parecem funcionar como intransitivizadores com os quais  $\circ$  pode algumas vezes ocorrer e outras não. Os verbos que pegam o morfema *bi-* exibem concordância com o SN ergativo.

Pelos contextos ocorrência do  $\circ$ , não é simples definir *a priori* se ele é um transitivizador ou um causativizador. Contudo, observa-se que  $\circ$  não pode ocorrer com qualquer tipo de verbo, o que pode ser um indício de que esse elemento possa ser um transitivizador, ao invés de um causativizador já que estes não são restritos na sua seleção.

Diante do exposto acima, uma possível resposta à pergunta feita no final da seção 2.2.1, se é a presença do  $\circ$  que permite ao verbo posicional tomar como complemento à oração a sua esquerda, seria dizer que, do mesmo modo que  $\circ$  introduz um argumento na estrutura do predicado, nas construções progressivas, sua função seria, por hipótese, permitir que os verbos posicionais possam tomar a oração à sua esquerda com o complemento.<sup>12</sup> Se esta resposta estiver no caminho certo então uma outra questão se coloca: o que torna os verbos posicionais diferentes dos demais núcleos que faz com que eles não requeiram a presença do  $\circ$ ? Após vermos os contextos ocorrência do sistema ergativo no final da seção 4.2, tentarei responder essa pergunta.

---

<sup>12</sup>Uma hipótese que deverá ser explorada é verificar se essas estruturas não seriam do tipo das construções seriais. Dourado (2001) detectou a presença desses tipos de construções na Língua Panará.



## Capítulo 3

# Sistema Pronominal

Neste capítulo pretendo descrever as propriedades morfológicas, sintáticas e distribucionais dos pronomes. Essa descrição é relevante para a discussão sobre a manifestação morfológica da ergatividade no Mebengokre, da qual se ocupará o próximo capítulo. Na seção 3.1 forneço uma descrição detalhada das formas pronominais mebengokre; na seção 3.2 estabeleço as diferenças entre as formas pronominais livres e as formas presas; na seção 3.3 será examinada a distribuição dos prefixos de pessoa diante de um SN pleno seguido da discussão sobre o estatuto desses elementos; a seção 3.3.2 aborda as propriedades da concordância com o objeto e anticoncordância<sup>1</sup> em Mebengokre.

### 3.1 Caso e número no sistema pronominal

Em Mebengokre Caso não é morfológicamente expresso sobre os nomes, mas é visível no sistema pronominal, que distingue formalmente três formas pronominais com propriedades distribucionais distintas. Eles estão agrupados em: pronomes livres, formas presas e formas ergativas. Cada uma dessas classes serão discutidas em mais detalhes nas próximas seções.

Como mencionei anteriormente, uma descrição dos pronomes mebengokre é encontrada nos trabalhos de Wiesemann (1986) e Borges (1995). Diferentemente desses trabalhos eu apresento uma descrição detalhada do funcionamento e distribuição tanto dos pronomes livres quanto dos prefixos de pessoa,

---

<sup>1</sup>Em português o verbo sempre concorda com o sujeito, mas não com o objeto. Se em alguma circunstância o verbo deixasse de concordar com o sujeito para concordar com o objeto teríamos, neste caso, um padrão de anticoncordância.

bem como dos pronomes ergativos. Mostro também como esses pronomes se diferenciam entre si no que diz respeito à sua posição em relação aos morfemas de número. Um outro aspecto a ser discutido é a coocorrência de pronomes livres e formas prefixais. Além disso, descrevo também o comportamento dos pronomes ergativos revelando como eles se diferenciam dos pronomes livres.

Os pronomes distinguem três números: singular, paucal e plural. O paucal e o plural são expressos pelos morfemas *ari* e *mẽ*, respectivamente e seguem os pronomes livres. Na 1ª pessoa inclusiva, no lugar do singular há a forma dual *gu* que inclui a segunda pessoa. Com a 1ª pessoa inclusiva paucal houve uma fusão entre o morfema de número *ari* e o pronome *gu* resultando na forma pronominal *guaj*. A forma *gu* carrega o traço inclusividade já que as formas paucal e plural da primeira pessoa inclusiva, *guaj* e *gu mẽ* respectivamente, são formadas a partir de *gu*. A 1ª pessoa exclusiva é formada pelo *ba* seguida das marcas de número.

A terceira pessoa é em geral expressa por  $\emptyset$ , mas em contextos onde a terceira pessoa está à vista do falante há as formas dêiticas *tawã*, *tamjã* que são compostas pela forma anafórica *ta* mais os pronomes demonstrativos *wã* e *jã*. O primeiro é usado para fazer referência a alguém que está longe enquanto que o segundo refere a alguém perto do falante. Por sua vez, *ta* é usado para mencionar alguém envolvido no diálogo.<sup>2</sup> Em (49) resumimos o quadro dos pronomes livres.

(49) PRONOMES LIVRES

	SINGULAR	PAUCAL	PLURAL
1	ba	ba ari	ba mẽ
1+2	gu	guaj	gu mẽ
2	ga	ga ari	ga mẽ
3	$\emptyset$	ari	mẽ

A tabela em (50) resume as formas presas. A 1ª e a 2ª pessoa, *i-* e *a-* respectivamente, são prefixos. A 1ª dual e paucal inclusiva são formas compostas a partir dos pronomes livres *gu* e *guaj* seguidos pelo prefixo *ba-*, homófono do pronome livre de 1ª. Nestas formas pronominais *ba-* funciona como os prefixos de 1ª e 2ª pessoa, mas não pode ocorrer sem sua contraparte *gu* e *guaj*. Ou seja, uma frase como 'Ele nos bateu' não pode ser dita \* $\emptyset$  *ba-tak*', mas  $\emptyset$  *guaj/gu ba-tak*'. No entanto, com a 1ª pessoa inclusiva plural, o

<sup>2</sup>Borges (1995) seguindo a análise de Rodrigues (1986) da 3ª pessoa em línguas do Tronco Macro-Jê analisa o *ta* como uma forma reflexiva.

*gu* parece ser opcional, mas se ele ocorre ele deve preceder a marca de número que é seguida da forma presa *ba-*. Do mesmo modo, as marcas de número precedem a 1ª pessoa exclusiva codificada pelo prefixo *i-*. A terceira pessoa é  $\emptyset$ . Há, no entanto, para a terceira pessoa objeto, uma forma prefixal *ku-* que possui propriedades bem particulares quando comparada com a primeira e a segunda pessoa. Falarei sobre esse elemento na seção 3.3.2.

(50) PRONOMES PRESOS

	SINGULAR	PAUCAL	PLURAL
1	i-	ari i-	mẽ i-
1+2	gu ba-	guaj ba-	(gu) mẽ ba-
2	a-	ari a-	mẽ a-
3	$\emptyset$ ~ ku-	ari (ku-)	mẽ (ku-)

Em (51) encontram-se os pronomes ergativos que são morfologicamente derivados pela combinação dos morfemas presos seguidos pela marca de Caso *je* ~ *te*, aparentemente relacionada a uma posição.

(51) PRONOMES ERGATIVOS

	SINGULAR	PAUCAL	PLURAL
1	ije	ari ije	mẽ ije
1+2	gu bajε	guaj ba	(gu) mẽ bajε
2	aje	ari aje	mẽ aje
3	kute	ari kute	mẽ kute

É importante observar que as marcas de número seguem os pronomes livres, mas precede os pronomes presos bem como os pronomes ergativos. Por que pronomes ergativos e pronomes presos compartilham essa mesma propriedade? Se pronomes ergativos são formas independentes por que eles não mostram o mesmo comportamento que os pronomes livres, isto é por que eles não são seguidos pelas marcas de número?

## 3.2 diferenças entre as formas pronominais

### 3.2.1 Pronomes livres

Segundo Cardinaletti (1994) *pronomes livres* se caracterizam por se manifestarem como palavras independentes, ocorrendo sempre na posição de sujeito (52a), tópico ou foco — quando focalizados os pronomes mebengokre

são duplicados<sup>3</sup> (52b) --- são eles que entram em coordenação (52c), e são usados em respostas (52e). Veremos que esses contextos são exclusivos dos pronomes em (49). Por isso, estarei me referindo apenas a essa série como *pronomes livres*.

- (52) a. ba tē  
1NOM ir  
'eu vou'
- b. ba nē ba tē  
1NOM COMP 1NOM ir  
'eu é que vou'
- c. ba mē ga mē krī mǎ tē  
1NOM e 2NOM cidade para ir  
'eu e você vamos para a cidade'
- d. pũm nē krī mǎ tē  
PI COMP cidade para ir  
'quem foi para a cidade?'
- e. ba/ga  
'eu'/'você'
- f. \*i/\*a  
'eu'/'você'

Os pronomes *gu* e *guaj*, quando duplicados, diferem de *ba* e *ga* por não exibirem a mesma forma. Comparem-se os exemplos abaixo:

- (53) a. gu mēprĩre pumũ  
nós crianças ver  
'nós vimos as crianças'
- b. gu ba nē gu mēprĩre pumũ  
nós (du.) COMP nós crianças ver  
'nós que vimos as crianças'
- c. \*gu nē gu mēprĩre pumũ

<sup>3</sup>No trabalho de Borges (op. cit., p. 17) a estrutura *ba nē ŋōrō* é dada como gramatical, no entanto, nenhum dos falantes para os quais eu reproduzi essa frase a aceitou como sendo gramatical. Não é possível focalizar um pronome sem que este não seja realizado dentro da sentença como mostra o exemplo (52b).

- d. \* gu ba nẽ gu ba mẽprĩrẽ pumũ  
 e. \* gu ba<sub>i</sub> nẽ *pro<sub>i</sub>* mẽprĩrẽ pumũ  
 f. guaj ba nẽ guaj mẽprĩrẽ pumũ  
 nós (pc. incl.) COMP nós crianças ver  
 ‘nós que vimos as crianças’

Em (53a) *gu* está em sua posição de sujeito, mas quando focalizado (53b) e (53f), o pronome na posição de foco obrigatoriamente ocorre com o *ba*, exibindo a mesma forma que o pronome preso. Veja que é impossível duplicar somente *gu* ou *guaj* (53c), ou repetir *gu ba* (53d), ou então ter um pronome nulo (*pro<sub>i</sub>*) dentro da oração (53e).

Quando os pronomes são focalizados, observe que, as marca de número seguem o pronome que está dentro da sentença, mas precedem o pronome que se encontra na posição de foco:

- (54) a. ari ba d̥ʒwɾ d̥ʒa ba ari m̃õ  
 PC 1NOM também MI 1NOM PC ir (pl)  
 ‘Nós também iremos.’  
 b. d̥ʒãm ari ga d̥ʒwɾ nẽ ga ari mẽ kot boj  
 PI PC 2NOM também COMP 2NOM PC pessoa COM chegar  
 ‘Vocês também chegaram junto com o pessoal?’

É importante chamar atenção que são os pronomes na posição de foco que podem ser modificados como mostram os exemplos acima onde a palavra *d̥ʒwɾ* aparece associada ao pronome mais alto na sentença, isto é na posição de foco.

### 3.2.2 Pronomes presos

Já foi mencionado anteriormente que os pronomes presos ocorrem prefixados a um núcleo lexical (V(erbo), P(osposição), N(ome)), nas funções de sujeito de verbos intransitivos<sup>4</sup> e estativos, como objeto de verbos transitivos e posposições, e nas construções possessivas.<sup>5</sup> Os exemplos de todos esses contextos são dados a seguir:

<sup>4</sup>Isso se aplica a todos os verbos intransitivos no sistema ergativo, mas não no acusativo.

<sup>5</sup>Borges (op. cit., p. 16) se equivoca ao afirmar que os pronomes livres, para ela pronomes da classe A, não ocorrem nas construções genitivas de posse. Essa autora não observou o fato de que esse é um contexto no qual é possível haver coocorrência de pronomes livres e prefixos de pessoa. Deste modo os exemplos que Borges menciona

- (55) *Verbos intransitivos*
- i-mɣɣ ket ‘eu não choro’
  - a-mɣɣ ket ‘você não chora’
  - ∅-mɣɣ ket ‘ele não chora’
  - guaj ba-mɣɣ ket ‘nós (dual, inclusivo) não choramos’
- (56) *Estativos*
- i-kane ‘minha doença’/‘eu estou doente’
  - a-kane ‘tua doença’/‘você está doente’
  - ∅-kane ‘doença dele’/‘ele está doente’
  - ari ga a-kane ‘doença de vocês’/‘vocês estão doente’
- (57) *Construções possessivas inalienáveis*
- i-nã ‘minha mãe’
  - a-nã ‘tua mãe’
  - ∅ nã ‘mãe dele’
  - gu ba-nã ‘nossa mãe (dual, inclusivo)’
  - mẽ ba-nã ‘nossa mãe (plural, inclusivo)’
  - ari a-nã ‘mãe de vocês (paucal)’
- (58) *Construções possessivas alienáveis*
- i-põ kikɾɛ ‘minha casa’
  - a-põ kikɾɛ ‘tua casa’
  - ∅ õ kikɾɛ ‘casa dele’
  - gu ba-põ kikɾɛ ‘nossa casa (dual)’
  - mẽ ba-põ kikɾɛ ‘nossa casa (plural)’
  - ara-põ kikɾɛ ‘casa de vocês’
- (59) *Verbos transitivos*
- tãm jã i- / gu ba- / guaj ba- tak  
 este aqui 1AC / DU 1–2AC / PC 1–2AC bater  
 ‘este aqui me/nos bateu’
- (60) *Posposições*

---

como agramaticais \**ba krã* (‘minha cabeça’), \**ba ikra* (‘minha mão’) só o são porque eles não podem ocorrer sem as formas presas: *ba i-krã* (‘minha cabeça’), *ba i-pikra* (‘minha mão’).

- a. i-mã 'para mim'
- b. a-mã 'para você'
- c. ku-m 'para ele'<sup>6</sup>
- d. gu ba-mã 'para nós' (dual)
- e. guaaj ba-mã 'para nós (plural)'

As formas prefixais dos pronomes de primeira, segunda e terceira pessoa diferentes dos pronomes livres, não podem ser duplicadas ou coordenadas.

### 3.2.3 Pronomes ergativos

Embora os pronomes ergativos sejam palavras independentes, eles mostram um comportamento que os aproxima das formas presas. Do mesmo modo que estas, não podem ser duplicados, como mostra a frase mal formada em (61b). Para enfatizá-los, duplicam-se os pronomes livres, os quais podem coocorrer com os pronomes ergativos (61c):

- (61) a. ije mēprīre mã dʒwɣpɔj ɲōrō ket  
 1ERG criança DAT bolacha dar NEG  
 'eu não dei bolacha para as crianças'
- b. \*ije nē ije mēprīre mã dʒwɣpɔj ɲōrō ket  
 1ERG FOC 1ERG criança DAT bolacha dar NEG  
 'eu não dei bolacha para as crianças'
- c. ba nē ba ije mēprīre mã dʒwɣpɔj ɲōrō ket  
 1NOM FOC 1NOM 1ERG criança DAT bolacha dar NEG  
 'eu não dei bolacha para as crianças'

A impossibilidade de duplicação dos pronomes ergativos talvez se explique por se tratar de uma forma composta que diacronicamente se originou da fusão de um pronome mais uma posposição. Observe os exemplos (62a-c) e veja que, do mesmo modo que o sujeito ergativo, sujeitos dativos também não podem ser duplicados (62b) e nas construções de foco (62c) é o pronome livre que duplica:

---

<sup>6</sup>A posposição *mã* é reduzida para *m*. Essa redução é ocorre principalmente com a 3ª pessoa.

- (62) a. imã prãm  
 1DAT querer  
 ‘eu tenho fome’
- b. \*imã nẽ imã prãm  
 1DAT COMP 1DAT querer  
 ‘eu é que tenho fome’
- c. ba nẽ ba imã prãm  
 1FOC COMP 1NOM 1DAT querer  
 ‘eu é que tenho fome’

### 3.3 Distribuição dos prefixos de pessoa

Nesta seção descreverei o comportamento dos prefixos de primeira *i-*, segunda *a-* e terceira pessoa *ku-*<sup>7</sup> em Mebengokre no que diz respeito à sua coocorrência com os pronomes livres. Mostrarei, no que tange a este particular, que há uma cisão nesses prefixos que coloca de um lado 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoa, em oposição à terceira. Outra diferença que há entre 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup>, por um lado, e 3<sup>a</sup> por outro, está relacionada ao sistema de caso da língua. Os pronomes de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoa se mantêm através de ambos sistemas de caso, enquanto que a 3<sup>a</sup> pessoa passa a  $\emptyset$  no sistema ergativo.

Uma das diferenças na morfologia verbal entre os sistemas de caso acusativo e ergativo em Mebengokre diz respeito à ausência no primeiro e presença no segundo das marcas de pessoa na raiz verbal intransitiva. Por conseguinte os pronomes livres não podem ser apagados quando o verbo não exhibe os prefixos de pessoa (63):

- (63) a. ba boj  
 eu chegar  
 ‘eu cheguei’
- b. \*(ba) boj  
 (eu) chegar  
 ‘cheguei’

No entanto, no sistema ergativo onde o verbo exhibe os prefixos de pessoa, os pronomes livres são opcionais.

---

<sup>7</sup>Não vou abordar aqui as formas inclusivas.



- (64) a. (ba<sub>i</sub>) i<sub>i</sub>-boj        ɣɾɣ  
           eu    1ABS-chegar PROSPEC  
           ‘eu estou para chegar’
- b. (ga<sub>i</sub>) a<sub>i</sub>-boj        ɣɾɣ  
           você 2ABS-chegar PROSPEC  
           ‘você está para chegar’

Do mesmo modo, pronomes livres são opcionais diante de sujeitos dativos ou ergativos, ambos licenciados por meio de posposições. Vejam-se os exemplos (65a-d) abaixo, onde os pronomes de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoa podem coocorrer com os pronomes livres.

- (65) a. (ba) ijɛ    mari ket  
           (eu) ERG saber NEG  
           ‘eu não sei’
- b. (ga)    ajɛ    mari ket  
           (você) ERG saber NEG  
           ‘você não sabe’
- c. (ba) i-mã    a-kĩɲ  
           (eu) 1-DAT 2-querer  
           ‘eu gosto de você’ (lit. ‘você é agradável para mim)
- d. (ga)    a-mã    i-kĩɲ  
           (você) 2-DAT 1-querer  
           ‘você gosta de mim’

Os contextos acima exemplificam em que condições, na posição de sujeito, é possível ter apagamento do pronome livre. Com base nessa distribuição, podemos então formular a seguinte generalização:

- (66) Na posição de sujeito os pronomes livres são opcionais somente quando os traços de pessoa possam ser identificados.

Nos exemplos em (65a-d) os prefixos aparecem ligados às marcas de Caso ergativo (*jɛ*) e dativo (*mã*), observe que os exemplos (65a-d), reescritos como (67a-d), se tornam agramaticais sem os prefixos de pessoa nas marcas de Caso.

- (67) a. \*ba jε mari ket  
eu ERG saber NEG  
'eu não sei'
- b. \*ga jε mari ket  
você ERG saber NEG  
'você não sabe'
- c. \*ba m̃ a-kĩŋ  
eu DAT 2-querer  
'eu gosto de você' (lit. 'você é agradável para mim)
- d. \*ga m̃ i-kĩŋ  
você DAT 1-querer  
'você gosta de mim'

No que tange a opcionalidade dos prefixos de pessoa diante de um SN pleno, observa-se que há um comportamento assimétrico entre eles quando as posições envolvidas são de sujeito e objeto. Essa assimetria revela-se da seguinte maneira: na posição de sujeito, 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoa são sempre obrigatórias, quando ligadas às marcas de Caso, diferentemente da 3<sup>a</sup> pessoa que é opcional<sup>8</sup> diante de um SN pleno. Na posição de objeto, o prefixo de 3<sup>a</sup> pessoa *ku-* está em distribuição complementar com o SN pleno enquanto que com 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoa, *i-* e *a-* respectivamente, somente as formas presas podem ocorrer nessa posição. Comparem-se (67a-d) com (68a-d) e observe-se que a 3<sup>a</sup> pessoa pode ocorrer ou não diante do SN pleno; como mostram os pares de exemplos em (68a) e (68c), e (68b) e (68d).

- (68) a. (kaitire) kute mari ket  
Kaitire 3ERG saber NEG  
'Kaitire não sabe/ouviu'
- b. kaitire tε mari ket  
Kaitire ERG saber NEG  
'Kaitire não sabe' ou 'Kaitire não ouviu'
- c. kaitire kum i-kĩŋ  
Kaitire 3-DAT 1-querer  
'Kaitire gosta de mim'

---

<sup>8</sup>O prefixo *ku-* não ocorre com os verbos intransitivos, quando na posição de sujeito, ele só aparece preso às marcas de Caso.

- d. kaitire m̃ i-kiŋ  
 Kaitire DAT 1-querer  
 ‘Kaitire gosta de mim’

Na posição de objeto, contrariamente à posição de sujeito, os prefixos de 1ª e 2ª pessoa não coocorrem com os pronomes livres *ba* e *ga* respectivamente. Ou seja, esta posição é exclusiva das formas presas como mostram (69a, 69b), mas é possível que o pronome livre esteja coindexado com a forma presa desde uma posição não argumental (69c, 69d):

- (69) a. ga (\*ba) i-tak  
 2NOM (\*eu) 1AC-bater  
 ‘você me bateu’  
 b. ba (\*ga) a-tak  
 1NOM (\*você) 2AC-bater  
 ‘eu bati em você’  
 c. ba<sub>i</sub> nẽ ga i<sub>i</sub>-tak  
 1FOC COMP 2NOM AC-bater  
 ‘foi em mim que você bateu’  
 d. ga<sub>i</sub> nẽ ba a<sub>i</sub>-tak  
 2FOC COMP 1NOM 2AC-bater  
 ‘foi em você que eu bati’

Diferente da 1ª e 2ª pessoa, SNs estão em distribuição complementar com a terceira pessoa objeto *ku-* (70a-b). Observe-se que o SN objeto não pode coocorrer com *ku-*, como mostra a frase mal formada (70c). Na seção 3.3.2 discutirei outras propriedades da terceira pessoa objeto.

- (70) a. kaj arɣp ku-krẽ  
 Kaj já 3AC-comer  
 ‘Kaj já o comeu’  
 b. kaj arɣp tɛp krẽ  
 Kaj já peixe comer  
 ‘Kaj já comeu o peixe’  
 c. \*kaj arɣp tɛp ku-krẽ  
 Kaj já peixe 3AC-comer  
 ‘Kaj já comeu o peixe’

Com verbos bitransitivos que pegam um dos argumentos no Caso dativo, os pronomes presos se comportam do mesmo modo que na posição de objeto, ou seja, pronomes livres de 1ª e 2ª não podem ocorrer nessa posição (71a-b), e SNs estão em distribuição complementar com a terceira pessoa (71c-d).

- (71) a. kaj \*(ba) i-mã tep ηã  
 Kaj 1-DAT peixe dar  
 ‘Kaj deu peixe para mim’
- b. kaj \*(ga) a-mã tep ηã  
 Kaj 2-DAT peixe dar  
 ‘Kaj deu peixe para você’
- c. kaj \*(mēprīre) ku-m tep ηã  
 Kaj (criança) 3-DAT peixe dar  
 ‘Kaj deu peixe para ele’
- d. kaj mēprīre-mã tep ηã  
 Kaj criança-DAT peixe dar  
 ‘Kaj deu peixe para a criança’

Em suma, o que se observa na distribuição de coocorrência dos morfemas presos de pessoa diante dos SNs, é que há uma diferença que opõe os prefixos de 1ª e 2ª aos 3ª pessoa. Nos sujeitos licenciados por meio de posposições, ergativo e dativo, 1ª e 2ª pessoa são sempre obrigatórios nas posposições, ao passo que a 3ª pessoa é também opcional. Quanto à posição de objeto, SNs plenos estão em distribuição complementar com o pronome preso de 3ª pessoa, seja como objeto direto ou como objeto indireto, enquanto que 1ª e 2ª pessoa nunca coocorrem nessas posições com os pronomes livres. É essa distribuição dos prefixos de pessoa diante de SNs que conduz a ao questionamento sobre seu estatuto enquanto categoria sintática: são esses morfemas pronomes ou concordância?

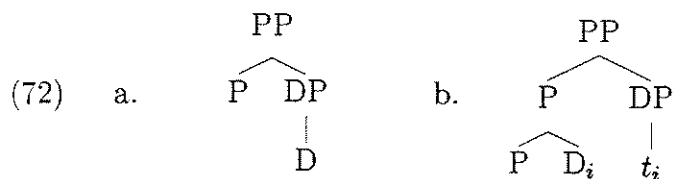
### 3.3.1 Prefixos de pessoa: pronome ou concordância?

A relação e/ou distinção entre pronomes e concordância não tem sido tematizada nos trabalhos sobre o Mebengokre, tão pouco nos trabalhos sobre outras línguas Jê, pelo menos até onde eu tenho conhecimento. Acredito que essa é uma questão central na descrição da gramática do Mebengokre, uma vez que eles são, via de regra, referidos para revelar o reflexo morfológico

de ambos sistema de caso, acusativo e ergativo. Essa é uma questão que se estende a outras línguas dessa família. Considero que essa discussão, sobre estatuto das formas presas, i.e., se estas são pronomes ou concordância, tem um importante papel para a compreensão da cisão de caso. Esta, não é uma questão trivial que pode ser decidida *a priori*, mas o que farei aqui é apresentar como os prefixos de pessoa exibem certas propriedades que os aproximam à concordância.

No Mebengokre, assim como em outras línguas Jê as marcas pronominais de 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoa parecem ter se desenvolvido diacronicamente de pronomes plenos.<sup>9</sup> A Concordância também é vista, em alguns casos, como um fenômeno que pode derivar historicamente da incorporação de pronomes.

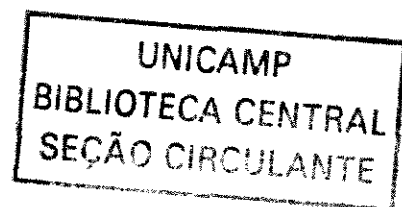
Nos contextos descritos acima mostrou-se como os prefixos de pessoa, em alguns casos estão em distribuição complementar com os SNs enquanto que em outros, ambos podem coocorrer. Para tentar explicar essa distribuição, dos SNs diante da concordância, Hale (op. cit.) estabelece que há dois tipos de concordância: “concordância pura” (*pure agreement*) e “concordância por incorporação” (*incorporation agreement*). A diferença, segundo esse autor, consiste na maneira como a concordância é efetuada. Se ela é determinada lexicalmente, a coocorrência com expressões nominais é permitida, mas se ela se produz na sintaxe através de processos de incorporação, então a presença de um SN não é permitida nessa posição. Esse processo é representado na estrutura dada a seguir, onde o D (=núcleo lexical) representa o pronome que se incorpora na preposição, deixando um vestígio; por isso essa posição não pode ser preenchida por um SN.



(cf. Hale, 1990: 125)

Uma outra análise, similiar àquela de Hale sobre concordância encontra-se em Bresnan e Mchombo (1987) os quais fazem distinção entre dois tipos de concordância: concordância gramatical e concordância anafórica. Segundo

<sup>9</sup>A 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup>, por exemplo, funcionam, respectivamente, como pronomes plenos em Kaingang (*inh*)(cf. Wiesemann (1986) e Xokleng (*a*) (cf. Urban (1985)).



esses autores quando a concordância é gramatical, o SN carrega uma relação argumental com o verbo, enquanto que o afixo verbal expressa redundantemente os traços de pessoa, número e gênero desse SN. Na concordância anafórica, o afixo verbal é um argumento pronominal incorporado do verbo, e o SN correferencial tem uma função não argumental — ou como adjunto do argumento pronominal, ou como tópico ou foco da sentença (cf. Bresnan e Mchombo, 1987).

As propostas de Hale e Bresnan & Mchombo se diferenciam apenas terminologicamente, e se pensamos os fatos do Mebengokre à luz dessas propostas, as marcas de pessoa poderiam ser interpretadas, nos termos de Hale, como “concordância por incorporação” (*incorporation agreement*) ou então, seguindo Bresnan & Mchombo, como uma concordância anafórica. Contudo, ainda resta a seguinte questão: porque a concordância de terceira pessoa é ela mesma opcional diante de um SN pleno? Essa questão fica em aberto para uma pesquisa futura.

### 3.3.2 Concordância com o objeto

Nas seções precedentes vimos que há uma diferença entre os prefixos de 1ª e 2ª pessoa versus o de 3ª pessoa no que diz respeito à coocorrência diante de SNs plenos. Outro ponto discutido foi o estatuto dos prefixos de pessoa, que com base nos trabalhos de Hale (1990) e Bresnan e Mchombo (1987) sugerimos que poderiam ser considerados como concordância antes que pronome. Nesta seção descreverei outras características da terceira pessoa que dão evidência adicional para considerar esses afixos de pessoa como concordância. Compararei os fatos envolvendo a concordância de terceira pessoa objeto *ku-* em Mebengokre a fatos semelhantes presentes nas línguas Karitiana (língua da família Arikém, tronco Tupi) e K'ichee (língua Maia), especificamente, ao fenômeno denominado anticoncordância.

Uma série de verbos transitivos em Mebengokre tem a marca de concordância especial, que ocorre em distribuição complementar com o SN pleno nessa posição:

- (73) a.    *mēnirɛ*        *meprĩrɛ*    *mɣ*            (SOV)  
           mulher(NOM) criança(AC) segurar  
           ‘a mulher segura a criança’
- b.    *mēnirɛ* *ku-mɣ*                            (S <sub>ku</sub>-V)  
           mulher 3AC-segurar

- 'a mulher (a) segurou'
- c. \* mēnirē meprīrē ku-mγ (\*SO<sub>ku-V</sub>)  
mulher(NOM) criança(AC) 3AC-segurar  
'a mulher segura a criança'
- d. meprīrē nē mēnirē ku-mγ (OS<sub>ku-V</sub>)  
criança(FOC) COMP mulher 3AC-segurar  
'foi a criança que a mulher segurou'

Observe-se nos exemplos acima que quando o objeto está adjacente ao verbo (73a), ele é despido de concordância. Sempre que o objeto não ocupa sua posição de base (73b) e (73d), a presença da concordância é obrigatória.

Outra particularidade no padrão de concordância desses verbos é que quando o sujeito é de segunda pessoa singular, a concordância que antes era construída com o objeto, passa ser com o sujeito:

- (74) a. ga kukrūt bī  
2NOM anta matar  
'você matou a anta'
- b. ga a-bī  
2NOM 2-matar  
'você a matou'
- c. \*ga kukrūt a-bī  
2NOM anta 2-matar  
'você a matou a anta'
- d. kukrūt nē ga a-bī  
anta COMP 2NOM 2-matar  
'a anta, você a matou'

Comparem-se os exemplos (73a-d) com aqueles em (74a-d): note-se que em ambos os casos as condições para que a concordância com o sujeito apareça no verbo são as mesmas: a ausência de um objeto expresso ou sua não adjacência ao verbo. A única diferença que há entre eles é tão somente a de ter os últimos um sujeito de segunda pessoa.

Mas se mantemos a marca de segunda pessoa no verbo e substituímos o argumento na função de sujeito por outro SN, *a-* passa a funcionar como objeto:

- (75) a. mēō            a-bī  
           alguém (NOM) 2AC-matar  
           ‘alguém mata você’
- b. \* mēō            a-bī  
           alguém (NOM) 2-matar  
           ‘alguém o mata’

Adicionalmente, quando o SN à esquerda do verbo vem modificado por um quantificador, a presença da concordância é também necessária, como mostram os exemplos seguintes:

- (76) a. ba    mru    ɲo  
           1NOM animal pendurar  
           ‘eu pendurei o animal (caçado)’
- b. ba    mru    kunī    ku-ɲo  
           1NOM animal todos 3AC-pendurar  
           ‘eu pendurei todos os animais (caçados)’

Deslocamento à esquerda, mesmo para posições que não a de foco, também desencadeia a concordância no verbo:

- (77) a. arɲp nē    ba    katōk    ɔ    kwej    bī  
           já    COMP 1NOM espingarda fazer pássaro matar  
           ‘eu já matei o pássaro com a espingarda’
- b. arɲp nē    ba    kwej    katōk    ɔ    ku-bī  
           já    COMP 1NOM pássaro espingarda fazer 3AC-matar  
           ‘eu já matei o pássaro com a espingarda’
- c. arɲp nē    ga    katōk    ɔ    kwej    bī  
           já    COMP 2NOM espingarda fazer pássaro matar  
           ‘você já matou o pássaro com a espingarda’
- d. arɲp nē    ga    kwej    katōk    ɔ    a-bī  
           já    COMP 2NOM pássaro espingarda fazer 2-matar  
           ‘você já matou o pássaro com a espingarda’

O conjunto de dados em (76a-b) e (77a-d) demonstra que a presença da concordância no verbo é obrigatória sempre que o objeto não está adjacente ao verbo.



Outro ambiente onde esse padrão de concordância ocorre é nas construções interrogativas de objeto. A presença da concordância, nesse caso, é sempre obrigatória:

- (78) a. *mxj nē kukruut ku-bī*  
 PI COMP anta 3AC-matar  
 'O que é que a anta matou'
- b. *mxj nē ga a-bī*  
 PI COMP 2NOM 2-matar  
 'O que você matou'
- c. *ṅūm ṅō rom nē ɾɔpkɾɔri ku-bī*  
 PI POSS cachorro COMP onça 3AC-matar  
 'De quem era o cachorro que a onça matou?'
- d. *ṅūm ṅō rom nē ga a-bī*  
 PI POSS cachorro COMP 2NOM 2-matar  
 'De quem era o cachorro que você matou?'
- e. *mxj mēō nē kukruut bī*  
 PI alguém COMP anta matar  
 'Quem matou a anta?'

A concordância está sempre em distribuição complementar com o objeto. Assim, o argumento que desencadeia a concordância no verbo ao se deslocar é o objeto e não o sujeito; conferir (78a-d) vs. (78e). No entanto, se o sujeito é segunda pessoa singular a concordância que era construída com o objeto passa a ser com o sujeito, desencadeando então a anticoncordância. Cabe então perguntar porque a segunda pessoa singular requer concordância absolutiva ao invés de acusativa? Porque o verbo, aparentemente transitivo, exhibe concordância intransitiva?

Os verbos mebengokre têm apenas um lugar para concordância: ou concordam com o sujeito, no caso dos verbos intransitivos, ou concordam com o objeto, no caso dos verbos transitivos.<sup>10</sup> É curioso que esta classe de verbos transitivos exiba esse padrão de concordância discordante com o padrão

<sup>10</sup>Os verbos que exibem concordância com o objeto representam um conjunto bastante restrito que tenho denominado de "verbos *ku*". Nesta classe, apesar de todos os verbos exibirem a alternância entre a concordância e o SN objeto, nem todos exibem o fenômeno da anticoncordância; isto é, a concordância com o objeto de terceira pessoa (*ku-*) não é substituída pela concordância com a segunda pessoa singular sujeito (*a-*) em alguns verbos (*ku*). Os verbos que mostram essa alternância, no imperativo, são flexionados para a 2ª

geral língua. Convém ressaltar que esse padrão de concordância ocorre somente quando a língua opera no sistema nominativo-acusativo, e desaparece no sistema ergativo-absolutivo. Me interessa aqui discutir a natureza dessa construção e relacioná-la com a transitividade dessa raiz. Este não é um fenômeno particular ao Mebengokre e encontra correlatos translinguisticamente.

Tomemos como exemplo as línguas K'ichee e Karitiana, ambas línguas ergativas, discutidas nos trabalhos de Hale (1998) e Hale e Storto (1997) respectivamente. Essas línguas que possuem uma construção que, diferentemente a parte, mostra um padrão de concordância que se parece àquele encontrado no Mebengokre.

As construções que exibem anticoncordância nessas duas línguas são denominadas por esses autores como “Construção de Focalização do Agente” (CFA), no K'ichee’, e “Construção de Topicalização do Objeto” (CTO), no Karitiana. Observemos primeiro a construção do K'ichee:

(79) *Construção de Focalização do Agente*<sup>11</sup>

- a. Laa aree lee achi x-at-kuna-n (at)  
 Q FOC o homem ASP-2SG-curar-AP (você SG)  
 ‘foi o homem que curou você?’
- b. Laa at x-at-kuna-n lee achi  
 Q você (SG) ASP-2SG-curar-AF o homem  
 ‘foi você que curou o homem?’

(Hale e Storto, 1997)

---

pessoa, ao passo que aqueles que não alternam entre *ku-* e *a-* não exibem a concordância no imperativo. Essa diferença é observada por exemplo entre os verbos *kubĩ* (‘matar’) e *kukrẽ* (‘comer’). Observe (i) e (ii):

(i) *abĩ* ‘apague’ (lit. mate)

(ii) *krẽ* ‘coma’

É possível, como hipótese, que essa diferença seja um indício de que esse morfema *ku* tenha derivado diacronicamente de elementos de natureza diferente. Essa diferença é sincronicamente visível pelo seu comportamento assimétrico exemplificado em (i) e (ii). Uma classificação detalhada desses verbos deverá ser feita para averiguar se é possível agrupá-los com base em algum fator semântico.

<sup>11</sup>Essa opcionalidade decorre da hierarquia de pessoa existente nessa língua, onde a segunda pessoa sempre ganha da terceira. Assim se a terceira pessoa ocupa a posição de sujeito e a segunda a posição de objeto, a concordância será com o objeto, se a segunda pessoa ocupa a posição de sujeito e a terceira a posição de objeto então a concordância será com o sujeito.

A (CFA) do K'ichee' assemelha-se à antipassiva.

(80) *Antipassiva em K'ichee*

X- $\emptyset$ -kuna-n                      lee achi    ch-aaw-ee  
ASP-3SG (NOM)-curar-AP o    homem PARA-2SG-RN

'o homem curou você'

Ambas construções, (80) e (79), empregam a mesma morfologia (em negrito), mas somente na antipassiva o objeto aparece no caso oblíquo. Outra importante diferença entre essas construções diz respeito à concordância. Na antipassiva, a concordância só pode ser construída com o argumento nominativo, enquanto que na CFA a concordância pode ser ou com o objeto ou com o sujeito, evidenciando que o verbo é ainda transitivo, ao contrário da antipassiva.

No Karitiana, quando o objeto é deslocado de sua posição de base para uma posição de tópico a marca *ti-* aparece sobre verbo. Observe-se nos exemplos abaixo que *ti* só aparece quando a interrogativa é de objeto (81a), mas não na interrogativa de sujeito (81b-c):

- (81) a. Mora-mon a-ti-amang tyka?  
PI-NOM 2-OT-plantar PROGR  
'o que você está plantando?'
- b. Morã i-oky tyja y-opok ako?  
PI 3-matar PROGR minha-galinha  
'quem está matando minha galinha'
- c. Mora-mon i-hyryp tyka?  
PI-NOM 3-chorar  
'quem está chorando?'

Nessas línguas, a concordância está associada a movimento para uma posição não argumental. No Karitiana, o movimento se dá por razões de tópico, enquanto que no K'ichee o movimento é por razões de focalização. Já em Mebengokre não é clara, ainda, a natureza desse movimento; é certo, no entanto, que é um deslocamento à esquerda.

No K'ichee, o argumento que desencadeia a concordância, ao ser extraído, é o sujeito. Diferentemente do K'ichee, mas de maneira análoga ao Karitiana, o argumento que ao ser deslocado, em Mebengokre, provoca o aparecimento da concordância no verbo é o objeto. No Mebengokre, assim como

no Karitiana, há somente um lugar para concordância no verbo, diferentemente do K'ichee, onde o verbo tem lugar tanto para concordância com o sujeito como para a concordância com o objeto. Outra diferença marcante é que em Mebengokre a concordância excêntrica ocorre no sistema acusativo e, embora sua presença no verbo esteja condicionada ao deslocamento do objeto, é a presença da segunda pessoa sujeito que desencadeia a concordância excêntrica.

O ponto interessante sobre o qual gostaria de chamar atenção no trabalho desses autores é que eles estabelecem uma relação diacrônica entre esse tipo de construção e a construção antipassiva. No K'ichee, a relação entre a CFA e a antipassiva é mais evidente pois ambas construções possuem a mesma morfologia. A construção antipassiva se caracteriza por envolver intransitivização do verbo transitivo o que o impossibilita licenciar seu objeto, por isso quando ele aparece na oração vem marcado num caso oblíquo sendo também opcional, do mesmo modo que o chamado agente da passiva é opcional na construção passiva. No Mebengokre, há uma construção que se parece a uma antipassiva. Nessas construções o verbo exibe o morfema *ku-* e objeto aparece marcado com a posposição *mã*:

- (82) a. *ga pĩ mã kuta*  
 1NOM madeira para cortar  
 'eu (quero) derrubar a árvore'
- b. *pĩ nē ga kum ta*  
 madeira(FOC) COMP 2NOM 3-DAT cortar  
 'a árvore que você tem que cortar'

Observa-se na construção (82a) que o morfema *ku* aparece no verbo. No entanto, em (82b), onde o sujeito é 2ª pessoa e o objeto aparece deslocado, o verbo não exibe a concordância com o sujeito, isto é, não exibe a marca *a-*.<sup>12</sup> Observe-se que neste caso, quando o SN *pĩ* é deslocado, e ele correferre com *ku-m*. Apesar de que seja necessária ainda uma investigação mais cuidadosa dessas estruturas, o contraste entre os exemplos (82a) e (82b) nos permite pensar, com base na discussão feita nesta seção, sobre natureza diacrônica do morfema *ku* sua relação com o sistema de Caso da língua.

<sup>12</sup>Segundo o informante lingüístico, a forma mais bonita de falar é usando a estrutura onde raiz verbal exibe o *ku-*.

## Capítulo 4

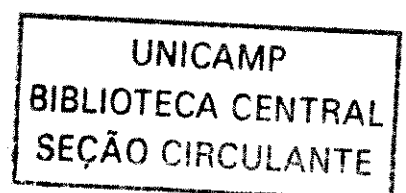
# Natureza da Ergatividade Cindida no Mebengokre

Na introdução deste trabalho apresentei o Mebengokre como uma língua parcialmente ergativa que exhibe, através de seu sistema de concordância, traços característicos ora de um padrão acusativo, ora de um padrão ergativo. Na seção 1.8 chamei atenção para o fato de a ergatividade cindida não se restringir ao Mebengokre, mas se estender a outras línguas da família Jê que exibem cisão de caso através de diferentes mecanismos.

Retomarei aqui a discussão sobre a ergatividade cindida do Mebengokre, sobre a qual me proponho a fazer uma reflexão considerando a hipótese de que há uma forte relação entre o elemento que ocupa a posição final da oração, suas propriedades e o sistema de caso nesta língua. Este capítulo apresenta a seguinte organização: a seção 4.1 trata da ordem dos elementos que ocupam a posição de núcleo em cada sistema de caso; a seção 4.2 descreve os contextos onde a ergatividade do Mebengokre se manifesta; a seção 4.4 consiste em uma comparação entre as construções ergativas e passivas; na seção 4.5 discuto os motivos para não considerar o Mebengokre como uma língua ativo/estativo.

### 4.1 Ordem e Ergatividade

Uma comparação entre as orações no sistema acusativo e no sistema ergativo revela uma importante diferença no que tange ao elemento que ocupa a posição final da sentença. Observa-se que no sistema acusativo o verbo



sempre aparece em última posição, ao passo que no sistema ergativo é sempre seguido por um outro elemento de natureza funcional. Isso me leva a supor que a ergatividade parcial do Mebengokre pode ser antes de natureza sintática que semântica.

#### 4.1.1 Ordem: S“Aux”OV e SOV“Aux”

Como vimos na seção 2.3 Mebengokre possui duas posições para elementos que codificam noções que via de regra são associadas, dentro da teoria gerativa, à categoria IP. Esses elementos podem ocupar ou a segunda posição na sentença, ou a última posição, após o verbo. Os dados mebengokre parecem revelar que há uma estreita relação entre o preenchimento de uma dessas posições e o sistema de Caso utilizado numa determinada construção desta língua. Nas seções subseqüentes apresentamos os contextos em que cada sistema de caso é utilizado.

#### 4.1.2 O Sistema Acusativo

Via de regra, no sistema acusativo o verbo sempre aparece em posição final<sup>1</sup> e os elementos que codificam noções temporais, aspectuais, ou modais, ocupam a periferia esquerda da sentença. Observe-se o conjunto de exemplos abaixo:

- (83) a. ga dʒa ga i-pumũ  
           2FOC MI 2NOM 1AC-ver  
           'você que vai me ver'
- b. ba dʒa ba tũm  
           1FOC MI 1NOM cair  
           'eu que vou cair'
- c. guaj tɛp krẽ  
           1NOM peixe (AC) comer  
           'nós comemos peixe'

Nos exemplos acima, a marca de modo irrealis *dʒa* ocupa a segunda posição, o verbo principal aparece em última posição e o sistema de caso é acusativo.

---

<sup>1</sup>Os testes para verificar se há movimento do verbo nesta língua não foram feitos, o que nos impossibilita de mostrar que no sistema acusativo o verbo permanece *in situ*.

### 4.1.3 O Sistema Ergativo

Já no sistema ergativo há sempre um outro núcleo seguindo o verbo:

- (84) a. aje i-pumũn mã  
2ERG 1ABS-ver PROSPEC  
'você está para me ver'
- b. i-tũm ɣɾɣ  
1ABS-cair PROSPEC  
'estou para cair'
- c. guaj baje tɛp krɛn ket rãʔã  
1ERG (incl) peixe comer NEG ainda  
'nós ainda não comemos peixe'

Há portanto uma diferença estrutural entre as orações no sistema acusativo e aquelas no sistema ergativo que é evidente pela ordem dos elementos que ocupam a posição final das orações. É com base nessa diferença estrutural que estabeleço a relação entre a natureza do elemento ocupando a posição de núcleo do predicado e o sistema de caso nesta língua. Como será possível observar nas próximas seções, os contextos onde a ergatividade se manifesta há sempre um núcleo a direita do verbo.

A seguir apresento os contextos onde se observa a ergatividade do Mebengokre.

## 4.2 Contextos das Cisões

Esta seção retoma o trabalho de Reis Silva (2000) onde a autoradescrição dos ambientes onde a ergatividade parcial do Mebengokre se manifesta, chamando atenção para o fato de que as previsões de Dixon (1994) não se aplicam ao Mebengokre se se supõe que a ergatividade parcial desta língua é condicionada por tempo/aspecto, pois em vários dos ambiente onde esse autor prevê que ocorra o sistema ergativo, ocorre exatamente o oposto, isto é, tem-se o sistema acusativo.

### 4.2.1 Cisão no eixo aspectual/temporal?

A primeira vista a ergatividade parcial do Mebengokre poderia ser considerada como sendo condicionada pelo aspecto. No entanto, um olhar mais

atento sobre os dados revela que isso não é de fato o que ocorre nessa língua.

No que tange ao condicionamento motivado pelo tempo e aspecto, Dixon (op. cit.) afirma que quando em uma língua a cisão é condicionada por tempo/aspecto, espera-se que o ergativo deva ocorrer preferencialmente com o tempo passado ou com o aspecto perfectivo, onde os eventos são fatos estabelecidos. Ao lançarmos um olhar sobre os dados do Mebengokre, observa-se que o ergativo é, via de regra, associado aos ambientes onde Dixon prevê que ocorra o sistema acusativo. Um dos ambientes onde se observa a presença do sistema ergativo é com o aspecto *prospectivo*, que descreve uma ação ou evento que está prestes a se realizar. Essa noção aspectual é transmitida por posições que ocorrem na posição pós-verbal:

- (85) a. kubē tep krē  
‘bárbaro’ peixe ‘comer’  
‘O homem branco comeu peixe.’
- b. kubē; kute; tep krēn mǎ  
‘bárbaro’ 3-ERG ‘peixe’ ‘comer’ PROSPEC  
‘O homem branco está para comer o peixe.’
- c. ba tūm  
1NOM cair  
‘eu cai (caio)’
- d. i-tūm ɣɣɣ  
1ABS-cair PROSPEC  
‘eu estou para cair’

As diferenças morfológicas nos exemplos acima é evidente pela ausência na oração transitiva (85a) e presença em (85b) da marca de caso ergativo *kute* e pelo acréscimo do morfema *-n*. Na oração intransitiva, (85c) se distingue de (85d) pela marca de concordância no verbo que não diferencia forma finita de não finita (ver seção 2.2).

Se consideramos que o que é relevante para a cisão de caso nesta língua é aspecto, devemos nos perguntar sobre a natureza aspectual dessas construções, se são perfectivas ou imperfectivas, uma vez que ergatividade é, via de regra, relacionada a aspecto perfectivo, e a acusatividade, a aspecto imperfectivo.



## 4.2.2 Cisão no eixo afirmação vs. negação

No Mebengokre, sentenças afirmativas estão associadas ao padrão acusativo, e sentenças negativas estão associadas ao ergativo. O marcador de negação *ket* sempre ocupa a posição pós-verbal.<sup>2</sup>

- (86) a. ba i-kra mɣ  
NOM 1POSS-filho segurar  
'eu segurei (seguro) meu filho'  
b. arɣp ba tẽ  
já 1NOM ir  
'eu já fui'
- (87) a. [ije i-kra mɣj] ket  
[1ERG 1POSS-filho segurar] NEG  
'eu não segurei (seguro) meu filho'  
b. i-tẽm ket  
1ABS-ir NEG  
'eu não fui'

De acordo com Dixon, a distinção entre negação e afirmação não se constituiu propriamente num parâmetro de modo, senão em um parâmetro relacionado ao modo, mas esse autor não explicita qual seria o padrão a esperar caso haja cisão de caso ao longo deste eixo. De qualquer modo, segundo os critérios semânticos de Dixon, uma ação completa teria maior afinidade com o sistema ergativo. Não esperaríamos, portanto, encontrar a ergatividade nas orações negativas. Mas são exatamente as orações negativas que apresentam o sistema ergativo em Mebengokre.

Ora, se o Mebengokre é uma língua de núcleo final, é esperado que a negação siga o verbo, já que NEG é o núcleo da sentença.

## 4.2.3 Cisão no eixo orações principais vs. subordinadas

Poucas são as línguas conhecidas que apresentam cisão entre sentenças subordinadas e sentenças principais. Com base na função semântica e no tipo de

---

<sup>2</sup>Há duas palavras para a negação em Mebengokre *kati* e *ket*. A primeira nunca ocorre como negação setencial, como parece ser o caso da segunda. No entanto não disponho de dados com negação de constituinte para ver quais as diferenças existentes entre esses dois tipos de negação.

oração subordinada, Dixon (1994: 102) afirma que, se houver uma cisão de caso neste eixo, quando uma sentença subordinada for de propósito (infinitiva, como por exemplo '*Nós ficamos para esperar o ônibus*', '*Eu sai para passear*'. etc.) ela será acusativa, pois os eventos nela descritos são passíveis de serem controlados. Para esse autor, essas orações seriam como sentenças principais no tempo futuro ou no aspecto imperfectivo, pois nessas circunstâncias os eventos descritos são ainda passíveis de controle.

Orações relativas e sentenças complementos que não de propósito, serão ergativas, visto que, como as orações principais, descrevem eventos no tempo passado ou no aspecto perfectivo. As orações principais poderão ser acusativas ou ergativas, mas deverão sempre ter a marcação oposta da oração subordinada; ou seja, se a oração subordinada for ergativa, a principal será acusativa, e se a subordinada for acusativa a principal deverá ser ergativa.

O Mebengokre apresenta cisão entre sentenças subordinadas e principais, mas, contrário à previsão de Dixon, todas as orações subordinadas são ergativas. Observem-se os pares de sentenças a seguir, onde a oração independente é a primeira de cada par, e aparece entre colchetes como subordinada:

- (88) a. *ga tep krē*  
 2NOM peixe comer  
 'você comeu o peixe'
- b. *i-mã [aje tep krēn] prãm*  
 1-DAT [2ERG peixe comer] querer  
 'Eu quero que você coma peixe.'
- c. *memu nē ropkrōri titik*  
 homem COMP onça bater  
 'o homem é que bateu na onça'
- d. *[memu kute ropkrōri titik ja] arym mã tē*  
 [homem 3ERG onça bater NOMN] já para ir  
 'o homem que bateu na onça já foi'
- e. *i-kamu nē i-mã tep ŋã*  
 1POSS-irmão COMP 1-DAT peixe dar  
 'o meu irmão é que me deu peixe'
- f. *[i-kamu kute i-mã tep pōrō ∅] nē ba*  
 [1POSS-irmão 3ERG 1-DAT peixe dar NOMN] COMP 1NOM  
 ku-krē  
 3AC-comer

- 'eu comi o peixe que o meu irmão me deu'
- g. dʒa ba tē nē kam ba a-mã fita ŋã  
 MI NOM ir CONJ POSP NOM 2-DAT fita dar  
 'eu vou dar a fita para você quando eu for'
- h. [i-tēm ɣɾɣ] ije a-mã fita pōrō ket  
 [1ABS-ir PROSPEC] 1ERG 2-DAT fita dar NEG  
 'quando eu estiver para ir eu não vou dar a fita para você'

Em (88b), a oração complemento do verbo *prãm* ('querer'), que seleciona um sujeito dativo, exhibe seus argumentos no Caso ergativo. No exemplo (88d) tem-se uma oração relativa (entre colchetes) na qual o argumento que está sendo modificado é o sujeito. A oração relativa está no padrão ergativo. Observe que (88f) é também uma relativa, mas há uma diferença entre elas, que consiste na presença em (88d), e ausência em (88f), do pronome demonstrativo *jã*. Orações relativas são sempre ergativas em Mebengokre.

As construções relativas são em geral sentenças nominalizadas. Note-se que elas ocorrem nos mesmos ambientes onde ocorrem os SNs. A presença em (88c) do pronome demonstrativo reforça a idéia de que essas orações são como SNs. O pronome demonstrativo segue o SN que ele modifica. Essa estrutura é compatível com a ordem da língua, que é de núcleo final. Em (88e), onde aparentemente o verbo está em posição final, poderíamos sugerir como hipótese que nesses casos há um nominalizador, pois considero a morfologia do verbo como indício de que a posição à sua esquerda é preenchida por outro elemento.

Com base nas diferenças que se observam nos exemplos acima podemos formular a seguinte generalização:

- (89) O Mebengokre exhibirá o sistema ergativo quando o verbo temático não ocupar a posição de núcleo da oração.

Assim considera-se, por hipótese, que no sistema acusativo a oração é encabeçada por um verbo temático, enquanto que no ergativo a oração é encabeçada por uma cabeça funcional que toma como seu complemento uma oração não-finita.

Deste modo, todas as orações no padrão ergativo têm em comum o fato de serem orações subordinadas que são por sua vez estruturas nominalizadas. Nessas estruturas o verbo da oração encaixada perde suas propriedades verbais e deixa de ser o núcleo do predicado. É interessante que outras línguas da

família Jê apresentem também uma estreita relação entre a posição final da sentença os elementos que a ocupam e o sistema de caso da língua. De modo interessante, Urban (1985) afirma que no Xokleng o que é relevante para a distribuição da ergatividade e acusatividade são as partículas pós-verbais que codificam noções aspectuais.<sup>3</sup> Nesta língua o acusativo é associado com o aspecto ativo marcado por *mũ* e o ergativo é determinado pelo aspecto estativo cuja marca é *wã*.<sup>4</sup>

O Xokleng é também uma língua SOV e assim como o Mebengokre parece mostrar que há de fato uma relação entre a posição final, isto é a posição do núcleo, e o sistema de caso. Diferentemente do Xokleng, o Mebengokre não tem uma marca de aspecto pós-verbal que esteja relacionada ao sistema acusativo e outra que seja exclusiva do sistema ergativo, até onde tenho conhecimento.<sup>5</sup> Nesta língua os núcleos pós-verbais via de regra disparam o ergativo independentemente do fato de eles marcarem aspecto *x* ou *y*. Observe-se, no entanto as construções abaixo:

- (90) a. *kubẽ nẽ tɛp krẽn ɔ dʒa*  
           ‘bárbaro’ COMP ‘peixe’ ‘comer’ fazer ‘estar em pé’  
           ‘O homem branco está comendo peixe em pé’.
- b. *mɔj nẽ ga ɔ ɲũ*  
       PI COM 2NOM ‘fazer’ sentar  
       ‘o que você está fazendo sentado?’

Com relação aos exemplos acima, é importante chamar atenção para o fato de que com os verbos posicionais que marcam aspecto progressivo, o verbo da oração encaixada exhibe a morfologia que normalmente é associada ao do sistema ergativo, mas a marca de caso ergativo não é expressa no argumento A. Não tenho uma explicação para estes casos, mas é possível que nessas estruturas haja apagamento do sujeito encaixado. Esse apagamento, por sua vez, poderia estar relacionado a presença do verbo leve *ɔ* como foi mencionado na seção 2.4. Todavia, ainda não está claro para mim o papel desse verbo nessas construções.

<sup>3</sup>Há no Xokleng uma série de partículas, homófonas com os verbos *nã* (estar em pé), *nẽ* (sentar), *nõ* (deitar), e *çɔ* (pendurar) que indicam aspecto continuativo e são usados quando a ação é vista perdurando ao longo do tempo (cf. Urban, 1985:174).

<sup>4</sup>Ver os exemplos (12) e (13), na página 13.

<sup>5</sup>Mas ver a discussão na seção 2.3 sobre os verbos posicionais.

### 4.3 A Relação entre Ergatividade e Perfectividade

Há um consenso na literatura sobre ergatividade de que a ergatividade está intrinsecamente relacionada à perfectividade. Pelo que têm demonstrado os dados do Mebengokre, este não parece ser o seu caso, uma vez que o ergativo se manifesta nos contextos que via de regra são associados ao imperfectivo. A morfologia que aparece no verbo associada ao perfectivo, nas línguas Krahô, Parkatejê, Apãniekra, aparece também no Mebengokre em contextos que geralmente são associados com o imperfectivo, sendo nesses contextos que se manifesta o ergativo. Isto nos conduz ao seguinte questionamento: é de fato o aspecto que condiciona a cisão de caso em Mebengokre, ou será outro fator que arrasta consigo noções ora aspectuais, ora temporais nas diversas línguas da família?

Se a hipótese proposta neste trabalho de que a ergatividade é desencadeada pela natureza do núcleo que encabeça o predicado, convém investigar de que maneira a semântica dos núcleos pós-verbais interage com o aspecto da oração complemento.

Nash (1995, p. 327) estabelece a diferença entre perfectivo e imperfectivo em termos da relação estrutural que existe entre os agentes nominativos e os agentes ergativos com a categoria T(empo). Os primeiros estariam em uma relação mais estreita com T do que os segundos. Segundo essa autora, a diferença entre o tempo perfectivo e imperfectivo reside no papel do agente no evento. No perfectivo, o resultado do processo está em primeiro plano e o agente é percebido como externo ao evento. No imperfectivo é a progressão da ação que está em primeiro plano e o agente é percebido como interno ao evento. Deste modo, os agentes ergativos são sujeitos de acontecimentos, enquanto que os agentes nominativos são sujeitos temporais.

No que tange ao Mebengokre, a perfectividade deve ser pensada em termos da conexão que há entre a sentença nominalizada e os núcleos que tomam essas sentenças como complementos, ou seja, a questão é saber se as estruturas ergativas são inerentemente perfectivas ou se o seu valor aspectual depende do núcleo que as seleciona. Vendo igualmente a forte associação que há entre não-finitude e subordinação, nos perguntamos porque toda subordinação requer, em Mebengokre, uma nominalização.

## 4.4 Construções ergativas e construções passivas

Na literatura sobre ergatividade tem sido mencionado que as construções ergativas e construções passivas estão diacronicamente relacionadas. Embora essas construções apresentem certas similaridades morfológicas, elas diferem sintaticamente uma da outra. Nesta seção damos duas evidências de que as construções ergativas do Mebengokre não são construções passivas.

Uma das diferenças entre esses dois tipos de construções é que construções ergativas, mas não construções passivas, podem controlar um reflexivo.

- (91) a. mēprirɛ kute amī pōŋ ket  
criança 1ERG Refl lavar NEG  
'a criança não se lavou'
- b. kubē kute amī pumuj māl  
bárbaro 3ERG REFL ver PROSPEC  
'o homem está para se ver'

Enquanto o argumento marcado morfológicamente, isto é o agente, pode ser opcional numa construção passiva, ele é obrigatório em uma construção ergativa.

- (92) a. ije kubekλ buurɯ kadʒu  
1ERG roupa comprar PROP  
'para mim comprar um vestido'
- b. \*kubēkλ buurɯ kadʒu  
roupa comprar PROP  
'para mim comprar um vestido'

A não aceitabilidade da oração em (92b), onde A é apagado, sugere que a construção ergativa não é uma estrutura passiva.

## 4.5 O Mebengokre como uma língua Ativa/Estativa?

O sistema ativo é visto com um subtipo do sistema ergativo que se caracteriza por apresentar uma divisão entre os verbos intransitivos. Estes expressam seu sujeito ou como A ou como O, segundo a "agentividade" do verbo.

É possível falar em uma cisão nesse eixo atividade/estatividade em Mebengokre, mas isso possivelmente se referiria à divisão entre os predicados codificados como nomes e predicados codificados como verbos, e não à uma divisão na classe dos verbos intransitivos.

Vários predicados estativos são codificados em Mebengokre por palavras que, assim como os nomes, mostram a presença dos prefixos de pessoa. Este é caso dos chamados verbos descritivos: *prek* ('ser alto'); *kamrek* ('estar vermelho'); *prĩɛ* ('ser pequeno'); *imtĩ* ('ser gordo'), *rɛɛk* ('ser fraco'). Estes itens se diferenciam de verbos como *boj* ('chegar'); *tẽ* ('ir'), apenas porque estes não exibem, no sistema acusativo, as marcas de pessoa. A aparente distinção entre atividade/estatividade, em Mebengokre, é na verdade uma distinção de outra natureza: ter essas raízes propriedades mais mais nominais ou mais verbais.

## Comentários Finais

Esta dissertação teve como objetivo descrever o fenômeno da ergatividade em Mebengokre. O capítulo 1 consistiu de um breve histórico sobre o povo Mebengokre, sua língua, as etapas de trabalho de campo, e os trabalhos linguísticos anteriores. Além disso, mostrou-se alguns dos mecanismos morfológicos utilizados pelas línguas para expressar a manifestação dos sistemas de caso acusativo e ergativo. Sistemas cindidos, isto é aqueles apresentando propriedades ora de um sistema acusativo, ora do sistema ergativo, foram exemplificados com dados de línguas Jê com o intuito de mostrar como essa família linguística exhibe sua ergatividade parcial.

Os capítulos 2 e 3 deram o quadro geral sobre as propriedades morfossintáticas do Mebengokre relevantes para a discussão da ergatividade no capítulo 4. No capítulo 2, sobre morfologia verbal, foram descritas as categorias verbais tais como tempo, modo e aspecto, as quais não são marcadas no verbo senão por meio de palavras independentes, que ocorrem ou na periferia esquerda da sentença ou na posição final. Foi discutida também a relação e a distinção categorial entre nomes e verbos. A distinção entre essas duas categorias foi feita com base em um critério morfossintático. Especial atenção foi dada às duas formas verbais (finita e não finita), já que suas propriedades verbais têm reflexo na sintaxe da língua, especificamente, no sistema de caso. Discutiu-se também a natureza do verbo leve  $\alpha$ , se transitivizador ou causativizador; o qual joga um importante papel na compreensão da estrutura das construções ergativas com os verbos posicionais.

O capítulo 3 objetivou mostrar como o sistema pronominal mebengokre está estruturado e como os prefixos de pessoa colocam a questão sobre seu estatuto sintático se deveriam ser considerados como pronomes ou concordância. Seguindo Hale (1990) e Bresnan e Mchombo (1987) esses prefixos de pessoa foram interpretados como sendo concordância antes que pronomes. Essa análise é compatível com uma construção particular que exhibe anticon-



cordância onde concordância com o objeto de terceira pessoa é substituída pela concordância de sujeito quando este é de segunda pessoa singular.

Por fim o capítulo 4 retomou a discussão sobre a ergatividade cindida no Mebengokre. No que tange aos diferentes tipos de cisões, lançou-se a hipótese de que a ergatividade parcial desta língua está intrinsecamente relacionada à natureza do elemento que ocupa posição de núcleo do predicado. Isto é, lançou-se a hipótese de que no sistema acusativo o verbo ocupa a posição de núcleo do predicado no sistema, neste caso o verbo possui propriedades mais verbais do que no sistema ergativo, onde um elemento de natureza funcional ocupa a posição de núcleo. Deste modo, a ergatividade parcial do Mebengokre foi interpretada como sendo de natureza sintática antes que semântica. Acredito que essa hipótese pode ser testada em fim de verificar sua validade e estendê-la às outras línguas da família Jê.

Com base nas propriedades específicas do Mebengokre, espera-se que o estudo aqui apresentado e algumas das hipóteses aqui levantadas possam motivar novas interpretações da ergatividade cindida nas línguas Jê, bem como contribuir para a caracterização e entendimento da ergatividade em outras línguas.

# Bibliografia

- Aboh, E. O. 1997. From the syntax of Gungbe to the grammar of Gbe. Tese de Doutorado, Université de Genève.
- Anderson, S. R. 1977. On mechanisms by which languages become ergative. Em *Mechanisms of syntactic change*, ed. C. Li. Austin: University of Texas Press.
- Araújo, L. M. S. 1989. Aspectos da língua Gavião-Jê. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Baker, M. 1988. *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press.
- Baker, M., K. Johnson, e I. Roberts. 1989. Passive arguments raised. *Linguistic Inquiry* 20:219–297.
- Bittner, M., e K. Hale. 1996a. The structural determination of case and agreement. *Linguistic Inquiry* 27:1–68.
- Bittner, M., e Ken Hale. 1996b. Ergativity: toward a theory of a heterogeneous class. *Linguistic Inquiry* 27:531–604.
- Bobaljik, J. D. 1998. Pseudo-ergativity in Chukotko-Kamchatkan agreement systems. *Recherches Linguistiques de Vincennes* 21–44.
- Bobaljik, Jonathan David. 1993. On ergativity and ergative unergatives. Em *Papers on case and agreement ii*, ed. Colin Philips, volume 19 de *MIT working papers in linguistics*, 45–88. Cambridge, EUA: MITWPL.
- Borges, Marília. 1995. Aspectos da morfossintaxe do sintagma nominal na língua Kayapó. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.

- Bresnan, J., e Sam A. Mchombo. 1987. Topic, pronoun, and agreement in Chicheŵa. *Language* 63:741–782.
- Bybee, J., e outros. 1994. *The evolution of grammar: Tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago/London: University of Chicago Press.
- Cardinaletti, A. 1994. On the internal structure of pronominal DPs. *The Linguistics Review* 11:195–219.
- Chomsky, N. 1986. *Knowledge of language: Its nature, origin, and use*. New York: Praeger.
- Chomsky, N. 1995. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press.
- Chung, S. 1970. Negative verbs in Polynesian. Harvard University.
- Comrie, B. 1976. *Aspect*. Cambridge University Press.
- Comrie, B. 1985. *Tense*. Cambridge University Press.
- Delancey, S. 1981. An interpretation of split ergativity and related patterns. *Language* 57:626–657.
- Dixon, R. M. W. 1994. *Ergativity*. Cambridge University Press.
- Dourado, L. 1993. Fenômenos morfofonêmicos em Panará: uma proposta de análise. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 9:199–208.
- Dourado, L. 2001. Aspectos morfosintáticos da língua Panará (Jê). Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Fontanals, J. M., e L. A. Simon. 1999. Extended argument structure: Progressive as unaccusative. *CatWPL* 7:159–174. Universitat Autònoma de Barcelona.
- Hale, K. 1990. Some remarks on agreement and incorporation. MIT.
- Hale, K. 1998. L'antipassif de focalisation du K'ichee' et la forme invers'ee du Chukchi: une étude de l'accord excentrique. *Recherches Linguistiques de Vincennes* 27:95–114.

- Hale, K., e L. Storto. 1997. Agreement and spurious antipassives. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística* 61-89.
- Jaeggli, O. 1986. Passive. *Linguistic Inquiry* 17:587-622.
- Jefferson, Kathleen. 1980. Gramática pedagógica Kayapó. Summer Institute of Linguistics, Brasília.
- Jelinek, E. 1989. The case split and argument type in choctaw. Em *Configurationality: the typology of asymmetries*, ed. L. K. Maracz e Pieter Muysken. Foris: Dordrecht.
- Jelinek, E. 1993. Ergativity and argument type. Em *Papers on case and agreement*, ed. J. O. Bobaljik e C. Phillips, volume 18 de *MIT working papers in linguistics*, 15-42. MITWPL.
- Jelinek, E., e R. Demers. 1994. Predicates and pronominal argument in Straits Salish. *Language* 697-736.
- Jonhs, Alana. 1992. Deriving ergativity. *Linguistic Inquiry* 23:57-88.
- Klimov, G. A. 1974. On the character of languages of active typology. *Linguistics* 131:11-25.
- Lanchnitt, Georg. 1988. Gramática Xavante. Missão Salesiana de Mato Grosso.
- Maia, M. 1986. Aspectos tipológicos da língua Javaé. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Nash, Lea. 1995. Porté argumentale et marquage casuel dans les langues SOV et dans les langues ergatives: l'exemple du géorgien. Tese de Doutorado, Université de Paris VIII.
- Nash, Lea. 1997. La partition personnelle dans les langues ergatives. Em *Les pronoms: morphologie, syntaxe et typologie*, ed. Anne Zribi-Hertz, 129-49. Presses Universitaires de Vincennes.
- Popjes, J., e J. Popjes. 1986. Canela-Krahô. Em *Handbook of amazonian languages*, ed. D. C. Deryshire e G. Pullum and, volume 1, 128-199. Berlin: Mouton de Gruyter.

- Reis Silva, M. A. 1996a. El aspecto en mebengokre: consideraciones sobre una construcción progresiva. Em *Atas das II Jornadas de Etnolingüística*. Rosario, Argentina.
- Reis Silva, M. A. 1996b. Regras de correferência anafórica em uma língua predominantemente tópico-comentário. Comunicação apresentada no VI congresso da ASSEL, Rio de Janeiro, outubro 1996.
- Reis Silva, M. A. 1998. A flexão de pessoa no verbo Mebengokre. IEL/Unicamp.
- Reis Silva, M. A. 2000a. Concordancia en Mebengokre–Kayapó. Comunicação apresentada no VI Encuentro Internacional de Linguística del Noroeste, Hermosillo, Sonora, México, novembro 2000.
- Reis Silva, M. A. 2000b. Ergatividade cindida em Mebengokre. Em *Atas do XLVIII Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo*. Assis-SP: Unesp. CD-Rom.
- Reis Silva, M. A. 2001a. Assessoria linguística nos cursos de formação de professores: o caso Mebengokre. Em *Antropologia, história e educação*, ed. A. Lopes da Silva e M. K. Ferreira, volume 1. Global.
- Reis Silva, M. A. 2001b. Padrões de ergatividade cindida em línguas da família Jê. Projeto apresentado no processo seletivo de doutorado no IEL/Unicamp.
- Reis Silva, M. A. 2001c. Pronomes e concordância em Mebengokre (Kayapó). Comunicação apresentada no XLIX Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, maio 2001.
- Reis Silva, M. A. 2001d. Revendo a classificação dos pronomes em Mebengokre. Comunicação apresentada no I Encontro sobre línguas Jê, fevereiro 2001.
- Reis Silva, Maria Amélia, e Andrés Salanova. 2000. Verbo y ergatividad escindida en Mëbêngôkre. Em *Indigenous languages of lowland South America*, ed. H. van der Voort e S. van der Kerke. Holanda: Universidade de Leiden.

- Rodrigues, Aryon. 1986. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- Rodrigues, Aryon. 1999. Macro-Jê. Em *Amazonian languages*, ed. R. M. W. Dixon e A. Aikhenvald. Cambridge University Press.
- Sala, A. M. 1920. Ensaio de grammatica Kaiapó. *Revista do Museu Paulista* XII:435-429. São Paulo.
- Salanova, A. 1996. La nasalidad en Kayapó desde un punto de vista autosegmental. Em *Actas de las segundas Jornadas de Etnolingüística*, 162-167. Rosario, Argentina.
- Salanova, A. 1999. Comentários sobre a (im)possibilidade de solução prosódica aos 'prefixos relacionais' do Mebengokre. IEL/Unicamp.
- Salanova, A. 2000. A periferia esquerda da oração Mëbengokre. IEL/Unicamp.
- Salanova, A. 2001. A nasalidade em Mebengokre e Apinayé: o limite do vozeamento soante. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- Sandalo, F. 1997. A grammar of Kadiwéu: with special reference to the polysynthesis parameter. Tese de Doutorado, University of Pittsburgh. Publicado como MIT Occasional Papers in Linguistics, 11.
- Santos, L. dos. 1997. Descrição da morfossintaxe da língua Suyá/Kĩsêdjê (Jê). Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Souza, S. M. de. 1990. O sistema de referência pessoal da língua Krahô. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Mato Grosso, Goiânia.
- Storto, L. 1999. Aspects of Karitiana grammar. Tese de Doutorado, Massachusetts Institute of Technology.
- Stout, M. 1975. ku- verb phenomena in Kayapó. *Arquivo Lingüístico* 125. Brasília: SIL.
- Stout, M., e R. Thomson. 1970. Kayapó narrative. *International Journal of American Linguistics* 37:250-256.

- Stout, M., e R. Thomson. 1974a. Elementos proposicionais em orações kayapó. *Série Linguística* 35-67.
- Stout, M., e R. Thomson. 1974b. Fonêmica Txukahamëi (Kayapó). *Série Linguística* 153-176.
- Stout, M., e R. Thomson. 1974c. Modalidade em Kayapó. *Série Linguística* 3:69-97.
- Thomson, R. 1974. Contrafactuals in Kayapó. Arquivo Lingüístico 059. Brasília: SIL.
- Thomson, R. 1976. Kayapó relationship terms. TAD Language File, SIL.
- Turner, T. 1991. The Mebengokre Kayapo: history, social consciousness and social change from autonomous communities to inter-ethnic systems. University of Chicago.
- Urban, G. 1985. Ergativity and accusativity in Shokleng (Gê). *International Journal of American Linguistics* 51:164-87.
- Vidal, L. B. 1978. *Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP.
- Vieira, M. M. D. 1993. O fenômeno da não-configuracionalidade em Assurini do Trocará: um problema derivado da projeção dos argumentos verbais. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- Wiesemann, U. 1986. The pronominal systems of some Jê and Macro-Jê languages. Em *Pronominal systems*, ed. U. Wiesemann, 359-380. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- Zribi-Hertz, A., e L. Mbolatianavalona. 1997. De la structure à la référence: Les pronoms du Malgache. Em *Les pronoms: morphologie, syntaxe et typologie*, ed. A. Zribi-Hertz, 230-266. Presses Universitaires de Vincennes.